

AFRIKANÍSTIKA

AS ORIGENS DOS ‘ESTUDOS AFRICANOS’ NA UNIÃO SOVIÉTICA, 1929-1945*

Colin Darch  

Universidade da Cidade do Cabo
Human Sciences Research Council, África do Sul
Centro de Estudos Avançados, Universidade Federal de Pernambuco

... каждого человека, каждого ученого, каждого из нас можно судить, только учитывая те исторические условия, в которых он живет, те трудности, которые ему приходится преодолевать [cada pessoa, cada cientista, cada um de nós pode ser julgado apenas tomando em conta as condições históricas em que viveu, as dificuldades que tinha de superar].

Apollon Davidson, 2008

Este artigo tenta analisar a história do desenvolvimento inicial dos “estudos africanos” (em russo, *afrikanístika*)¹ na União Soviética até o final da Segunda Guerra Mundial.² Há dois fios entrelaçados nessa história. O primeiro é a história do interesse intermitente do Estado soviético pelos assuntos africanos e a luta de um pequeno punhado de pesquisadores pioneiros para estabelecer um espaço reconhecido para a

* Versões desta pesquisa foram apresentadas em seminários na UNILAB, Campus dos Malês, São Francisco do Conde, no dia 17 de setembro 2024, e no Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), da Universidade Federal da Bahia, em 4 de outubro de 2024. Reconheço o apoio e incentivo de Daniel de Lucca, Fábio Baqueiro, Gary Littlejohn, Georgi Derluguian, Laura Moutinho, Lia Laranjeira, Livio Sansone, Marcelo Bittencourt, Nubia Aguilar, e Valdemir Zamparoni durante a preparação do texto. Várias conversas com Irina Filátova e Aleksandr Balezin aprofundaram minha compreensão geral desse período.

- 1 No restante deste texto, uso o termo “estudos africanos” para me referir aos ramos ocidental e brasileiro da disciplina e a palavra russa *afrikanístika* para me referir ao ramo soviético.
- 2 Para um relato recente da *afrikanístika* após a Segunda Guerra Mundial, dos anos 1950 aos 1970, ver Steffi Marung, “The provocation of empirical evidence: Soviet African studies between enthusiasm and discomfort”, *African Identities*, v. 16, n. 2 (2018), pp. 176-190, .

nova disciplina, algo que realmente só aconteceu concretamente na década de 1950. Mas, como Irina Filátova apontou com toda a razão:

a tarefa de rastrear como os africanistas soviéticos e russos “reproduziram” as realidades africanas é uma tarefa muito mais difícil do que muitas vezes parece aos colegas estrangeiros, devido à heterogeneidade do assunto e aos contextos políticos e ideológicos multifacetados. É impossível caracterizar a historiografia russa e soviética da África sem esses contextos.³

Segue-se logicamente, portanto, que o necessário segundo fio, sem o qual essa história não pode ser devidamente compreendida, refere-se aos contextos político-sociais mencionados por Filátova, e especialmente ao que tem sido chamado de as “três grandes ondas de terror e repressão”. Essas eram as duas “revoluções de cima”, em 1928-1932 e 1937-1938 (esta última mais conhecida como o “Grande Terror”), e os anos da guerra contra a Alemanha Nazista entre 1941-1945, chamada a “Grande Guerra Patriótica” na Rússia, na qual faleceram aproximadamente 27 milhões de cidadãos soviéticos.⁴

Esses grandes eventos políticos envolveram uma exigência repentina e extensivamente imposta de um “consenso obrigatório e ortodoxia dogmática”⁵ precisamente no momento em que o grupo emergente de pretensos *afrikanisty* tentava abrir um novo e grande espaço intelectual, uma tentativa na qual, inevitavelmente, eles falharam. Eis a história daquela tentativa.

3 Irina Filátova, “Tsentr afrikanskikh issledovaniy IVI RAN: mesto v sovetskoi, rossiiskoi i zarubezhnoi afrikanistike”, *Istoriya*, v. 13, n. 3 (2022), 

4 Mark Edele, *Stalinist society, 1928-1953*, Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 40.

5 John Barber, “The establishment of intellectual orthodoxy in the USSR, 1928-1934”, *Past and Present*, v. 83, n. 1 (1979), p. 141, 

Por que *Afrikanístika*?

Duas questões surgem imediatamente. Primeiro, por que os estudiosos soviéticos se dedicaram ao estudo da África?⁶ Em segundo lugar, por que nós, os não-russos, deveríamos nos preocupar em analisar a *afrikanístika* na União Soviética, um estado desaparecido? Obviamente, a maioria dos africanistas brasileiros, ou mesmo aqueles na Europa ou na América do Norte, não fará o esforço de aprender russo para tirar suas próprias conclusões. Dominar alguma combinação imediatamente necessária de inglês, francês e, possivelmente, uma língua africana como o suaíli já é um desafio e tanto. Mas é verdade também que o estudo da África não é propriedade privada ou terreno exclusivo dos anglófonos nem dos francófonos, e que o olhar cruzado, seja ele do Brasil, do resto da América do Sul, ou mesmo da Rússia, é capaz de abrir para nós novos horizontes e novas perspectivas sobre suposições ocultas e pontos cegos.

Assim, este artigo apresenta uma abordagem histórica de como foi que um discurso abertamente politizado pelo Estado, explicitamente a serviço de um objetivo revolucionário, tentou impor uma uniformidade ideológica enquanto dominava o discurso acadêmico emergente sobre temas africanos. Em comparação, um interesse em África no Brasil, com a sua grande população de afrodescendentes, não é difícil de entender, mesmo que tal explicação seja obviamente uma simplificação exagerada.

Na Rússia do período soviético, e especialmente nas décadas de 1920 e 1930, qualquer sigilo sobre o envolvimento do estado ou dúvidas sobre a legitimidade do projeto de *afrikanístika* era desnecessário. De fato, ainda hoje na Rússia “observamos a *natureza política* dos estudos orientais e a dependência da intensidade de seu desenvolvimento das prioridades do

6 Uma questão fundamental à qual este artigo responderá apenas indiretamente. O africanista russo Aleksandr Zheltov cita ensinamentos de seu mentor N. M. Girenko: “ao ler, você deve tentar perguntar porque o autor escreveu como ele escreveu, e o que queria resolver por si mesmo”. A. Iu. Zheltov, “*Afrikanístika, humanitarnye nauki i nauchnaia paradigma N. M. Girenko*”, *Antropologicheskii Forum*, n. 14 (2011), p. 286, 

Estado”.⁷ Nos tempos soviéticos, a relação entre *afrikanístika* e os interesses do Partido e do Estado era explícita. Os pesquisadores foram, especialmente nas décadas anteriores à Segunda Guerra Mundial, guiados pelo conceito ideológico de *partiinnost*, ou seja, a obrigação de adotar o ponto de vista do Partido Comunista no seu trabalho. Além disso, em Moscou, foram contratados e controlados por entidades quase-acadêmicas, tais como as comissões especializadas ou até instituições educativas que faziam parte das estruturas da Comintern. *Afrikanístika*, com exceção da pesquisa conduzida em Leningrado, começou e terminou com a Comintern.⁸

Após a Revolução de Outubro, a União Soviética ficou em grande parte isolada do resto do mundo, tanto acadêmica como política e economicamente, embora em meados da década de 1920 as relações externas tenham começado a ser normalizadas até certo ponto. Era impossível aos investigadores soviéticos realizar trabalho de campo na África colonial ou aceder aos arquivos coloniais, e a suspeita de “destruidores” estrangeiros após o caso Shakhty, em 1928,⁹ significava que o acesso a publicações estrangeiras era severamente limitado, para não mencionar politicamente perigoso. Assim, os pesquisadores trabalharam em condições difíceis, com acesso limitado às ferramentas essenciais de seu ofício. Em meados da década de 1930, após um período de debate relativamente aberto, os expurgos desencadeados sob Stalin dizimaram os acadêmicos que trabalhavam nas ciências sociais em geral e quase silenciaram a *afrikanístika* – com exceção da linguística – por vinte anos. No entanto, é claro que alguma atividade continuou, mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, e

7 O. N. Polianskaia, “Sovetskoe vostokovedenie v gody Velikoi Otechestvennoi Voiny”, *Vestnik Buriatskogo Gosuniversiteta*, n. 7 (2010), p. 27, , grifo nosso.

8 A Comintern, também conhecida como a Internacional Comunista ou a Terceira Internacional, foi fundada por Vladimir Lenin e os bolcheviques em 1919, com o objetivo de reunir e coordenar as atividades dos partidos comunistas em diferentes países.

9 Um caso importante de 1928, no qual mais de 50 engenheiros e gerentes das minas na cidade de Shakhty foram acusados de “destruição” (*vreditel'stvo*) ou sabotagem econômica. Seis dos acusados foram executados e outros 34 condenados a prisão.

que isso foi suficiente para fornecer uma base para a reconstrução quando o espaço começou a se abrir novamente após 1956.

A palavra russa *afrikanístika* não deve ser entendida como exatamente equivalente ao nosso conceito de “estudos africanos”. Sucede o mesmo com a palavra *vostokovédenie*, em relação ao “orientalismo”.¹⁰ Primeiro, *afrikanístika* é geralmente entendido como sendo uma subcategoria de *vostokovédenie*, e a própria África é vista como sendo parte de um “Oriente” genérico, aproximadamente equivalente à ideia de “Terceiro Mundo” ou Sul Global.¹¹ Segundo, os países de língua árabe do litoral setentrional da África são agrupados com o resto do mundo árabe na disciplina de estudos do Oriente Médio, e o termo “África” é entendido como limitado aos países ao sul do Saara, às vezes referidos como “África Negra” ou “África Tropical”.¹² No início da década de 1920, *afrikanístika* se assentou essencialmente em uma abordagem etnográfica-histórica, com muito menos ênfase na economia política.¹³ Incluiu perifericamente disciplinas como a crítica de arte, os estudos literários,

10 Consulte-se, por exemplo: Michael Klemperer e Stephan Conermann (eds.), *The heritage of Soviet Oriental Studies*, Abingdon: Routledge, 2011.

11 Apollon Davidson, no entanto, escreveu que hesita em “entrar em discussões sobre o que é a *afrikanístika* – uma síntese ou um conglomerado de disciplinas? Para mim, africanista é alguém que se considera africanista.” Ver seu artigo: A. Davidson, “Dmitrii Alekseevich Ol’derogge e maloizvestnaia afrikanistika” in V. F. Vydrin (ed.), *Afrikanskii sbornik 2007*, (São Petersburgo: Nauka, 2008), p. 7. ☒

12 No entanto, houve debate sobre essa questão: em maio de 1965, por exemplo, numa reunião da Academia de Ciências, um orador sênior afirmou que o Instituto África “deveria estudar os aspetos econômicos, sociais e políticos não só dos países da África Tropical, mas também dos países árabes do Norte da África”. V. G. Solodovnikov, *Dom Afriki v Moskve: Starokoniusshennyi 16*, Moscou: IAFRAN, 2011, p. 70. Mais recentemente, Zheltov comentou que “a limitação de *afrikanístika* ao estudo da África apenas em áreas localizadas ao sul do Saara é explicada não pela presença de limites estruturais, mas pela existência funcional de um campo científico especial – os estudos árabes – e sua tradicional independência organizacional”. Zheltov, “Afrikanistika ‘kompleks distsiplin’ ili ‘kompleksnaia distsiplina’: opyt strukturovaniia al’ternativy” in A. Iu. Zheltov (eds.), *Peterburgskaia afrikanistika: pamiati A. A. Zhukova*, (São Petersburgo: Izdat. SPbGU, 2008), pp. 48-62. Meus agradecimentos ao professor Zheltov por me providenciar uma cópia deste capítulo.

13 Essa descrição não deve ser entendida como uma afirmação de que o estudo de África nos países anglófonos ou francófonos fosse de alguma forma mais avançado em termos da sua epistemologia ou metodologia.

a musicologia e linguística, que foram vistas como centrais para o empreendimento.¹⁴ De fato, nas primeiras décadas, Dmitrii Ol’derogge (1903-1987), um dos fundadores da *afrikanístika* na União Soviética,¹⁵ sublinhou frequentemente que o estudo de “línguas, literaturas e cultura, incluindo a antropologia social, bem como a cultura material” deveria constituir a base de todas as formas de *afrikanístika*.¹⁶ Vemos a influência dessa abordagem mais tarde nas observações do escritor E. A. Dolmatovskii, que viajou à África Ocidental em 1960 e reclamou depois, em uma carta ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), que:

entendemos muito pouco sobre muitos dos aspectos mais importantes da vida nos países africanos [...]. Temos pouco conhecimento da complexa vida social dos países, por vezes verifica-se que [os nossos] esforços foram em vão [...]. [O] conhecimento profundo da situação, da vida cotidiana deve desempenhar um papel enorme no estabelecimento de laços econômicos, sociais e políticos.¹⁷

Uma importante justificação para o interesse em *afrikanístika* pode ser encontrada também nos conceitos antropológicos do “olhar cruzado”, já mencionado, e da “transversalidade”. O olhar do colonizador, conscientemente ou não, tem atribuído características selvagens ao colonizado e à colonizada, e nega a esse sujeito os seus direitos e a sua identidade. Então, até que ponto podemos afirmar que os estudiosos preocupados com temáticas africanas, em países socialistas tais como a

14 Na década de 1960, essa ênfase mudou em favor de um foco em questões econômicas e de desenvolvimento. Ver: Solodovnikov, *Dom Afriki v Moskve*, p. 65.

15 Para uma bibliografia abrangente dos escritos pré-revolucionários e soviéticos sobre a África até a década de 1960, ver S. L. Miliavskaia e I. E. Sinitsyna (eds.), *Bibliografiia Afriki: dorevoliutsionnaia i sovetskaia literatura na russkom iazyke, organizal’naia i perevodnaia*, Moscou: Izdat. Nauka, 1964. Esse texto inclui 2.506 referências.

16 Marina Tolmacheva, “The year of Africa remembered: horizons of change in African studies fifty years after the year of Africa”, *Studies of the Department of African Languages and Cultures*, n. 47 (2013), p. 13, [↗](#).

17 S. V. Mazov, A. B. Davidson, A. S. Balezin, e A. V. Voevodskii (ed.), *Rossia i Afrika: dokumenty i materialy 1961-nachalo 1970-kh*, Moscou: Politicheskaja Entsiklopediia, 2021, pp. 29-30.

União Soviética, não olharam o continente sob a mesma ótica, ao mesmo tempo reivindicando uma posição “do lado certo da história”,¹⁸ em termos das suas políticas, apoiando lutas de libertação anti-imperialistas? Uma literatura emergente sobre as complexidades de múltiplas globalizações e outros emaranhados no período após a Segunda Guerra Mundial tem identificado a importância de se reconhecer as “geografias complexas de conexões e a multipolaridade de ações e transações”, bem como as “várias agendas, emaranhados, fricções e contingências” que estavam em jogo naquele período.¹⁹ Uma tal abordagem também seria necessária e útil para a primeira metade do século XX, quando o envolvimento e a agência dos povos colonizados eram muito menos óbvios e a União Soviética aparentemente não se interessava pelo Sul Global.

Proto-Africanística: contatos religiosos, exploração e viagens, e pesquisa linguística

Ao longo de vários séculos, o impulso russo para a colonização permaneceu, principalmente direcionado para o leste dos montes Urais, à Ásia Central, à Sibéria e ao que mais tarde se tornou o Extremo Oriente soviético. No entanto, “a África ocupou um lugar único, se não imediatamente definido na cultura, história e imaginação popular da Rússia” por três séculos ou mais.²⁰ Os russos compartilhavam a maioria das atitudes

18 Colin Darch, “On the right side of history: the trajectory of domestic African studies from Endré Sík to the present day”, *ENOZh Istoriya*, Moscou, n.8 (2020), .

19 Lena Dallywater, Chris Saunders, e Helder Adegar Fonseca, “Introduction” in Chris Saunders, Helder Adegar Fonseca, e Lena Dallywater (eds.), *Eastern Europe, the Soviet Union, and Africa: new perspectives on the era of decolonization, 1950s to 1990s* (Berlin: De Gruyter Oldenbourg, 2021), p. 1.

20 Maxim Matusevich, “Introduction” in M. Matusevich (ed.), *Africa in Russia, Russia in Africa: three centuries of encounters* (Trenton NJ: Africa World Press, 2007), p. 2. Muitos textos foram escritos exaltando esses primeiros contatos. Ver também, por exemplo: A. B. Davidson, D. A. Ol’derogge e V. G. Solodovnikov (eds.), *Russia and Africa*, Moscou: Nauka, 1966; A. B. Davidson e I. I. Filátova, *Rossii i Iuzhnaia Afrika: tri veka svyazei*, Moscou: Izdat. Dom Gos. Univ., 2010.

paternalistas mantidas em outros países europeus em relação à África e aos africanos, bem como para com os asiáticos. Se deixarmos de lado os contatos entre várias igrejas ortodoxas russas, e do leste europeu, com as comunidades etíopes e coptas em Jerusalém a partir do século XIV, o interesse político e científico russo, limitado no início pelo nordeste da África, realmente começa em meados do século XIX.²¹

Figura 1: O “aventureiro” russo Egor Kovalevskii (1809?-1868), que visitou o Sudão e a Etiópia na década de 1840.



Fonte: Domínio público.

Mesmo assim, vale a pena mencionar que o interesse russo pelas línguas africanas tem uma história um pouco mais longa. No final de 1800,

21 Carlo Zaghi, *I Russi in Etiopia*, Napoli: Guida, 1972-1973, 2 v.; Patrick Rollins, “Russia’s Ethiopian adventure, 1888-1905”, Tese (Doutorado em História), Syracuse University, Syracuse, 1967.

a Academia de Ciências tentou compilar listas de palavras de todas as línguas do mundo para inclusão em um dicionário comparativo projetado, mas que nunca foi concluído.²² Em 1847, o engenheiro militar e diplomata Egor Kovalevskii viajou ao Egito para prospectar ouro e foi solicitado por órgãos governamentais na Rússia para realizar pesquisas geológicas e coletar informações sobre planos de desenvolvimento no Egito e no Sudão, bem como dados sobre o tráfico de escravizados. Seu livro, *Uma viagem ao interior da África*, foi publicado em São Petersburgo em 1849.²³

Figura 2: O cossaco Nikolai Ivanovich Ashinov (1856-1902), líder de tentativas amadoras e malsucedidas de estabelecer uma presença russa na costa da Eritreia na década de 1880



Fonte: *Le Progrès Illustré*, Lyon, 1 mar. 1891.

22 D. A. Ol'derogge, "The study of African languages in Russia" in Davidson, Ol'derogge, e Solodovnikov (eds.), *Russia and Africa*, pp. 16-17; Nelly Gromova, "Afrikanskoe iazikoznanie, 1917-1960" in A. B. Davidson (ed.), *Stanovlenie otechestvennoi afrikanistika 1920-e-nachalo 1960-kh* (Moscou: Nauka, 2003), pp. 282-284.

23 E. Kovalevskii, *Puteshestvie vo vnutrenniuiu Afriku*, S. Petersburgo: Tip. Eduarda Prats, 1849, <https://tinyurl.com/4mxhpext>. Traduzido para o inglês como E. Kovalevsky, *A journey to inner Africa* (Amherst, Mass.: Amherst College Press, 2020), [Z](#).

Mais tarde, uma tentativa, em 1889, realizada por um grupo de cerca de 150 pessoas, lideradas pelo “aventureiro” cossaco Nikolai Achinov de estabelecer um assentamento (Nova Moscou) no litoral do Mar Vermelho, na Eritreia, terminou em fiasco.²⁴ Nenhuma dessas atividades, no entanto, como veremos, pode ser considerada com confiança como constituindo os primórdios da *afrikanístika*, concretizada com o objetivo de compreender aspetos da realidade africana. No entanto, Aleksandr Zheltov talvez resuma a atitude geral na Rússia naquele período quando escreve que: “os primeiros exploradores foram ‘*afrikanisty*’ no sentido mais amplo da palavra: diante de um mundo novo em todos os aspetos, foram geólogos, biólogos, etnógrafos e linguistas, claro, com uma certa ênfase em certas áreas, a partir de seus próprios interesses [e] experiências”.²⁵

Tomando em conta essas iniciativas, quando é que podemos dizer que uma *afrikanístika* reconhecível realmente surgiu na Rússia ou na União Soviética?

Nos anos da guerra civil após a revolução de 1917, a maioria dos docentes nas universidades russas adotou posições hostis em relação ao novo governo bolchevique. Muitos simplesmente fugiram; alguns participaram até na política anticomunista e outros saíram para uma vida de exílio como na Turquia, por exemplo.²⁶ Os poucos que tentaram se adaptar às novas condições não prestaram nenhuma atenção à África por mais de uma década e o que foi produzido não foi escrito por especialistas, porque esses não existiam. Esse primeiro período, segundo o arabista Viktor Matveev (1928-1995), foi concluído em 1929, quando foram publicados os primeiros artigos de especialistas, como Dmitrii Ol’derogge, sobre temas africanos.²⁷ A. B. Davidson desenvolve ainda

24 Patrick Rollins, “Imperial Russia’s African colony”, *Russian Review*, v. 27, n. 4 (1968), pp. 432-451. .

25 Zheltov, “Afrikanistika ‘kompleks distsiplin’”, pp. 48-62.

26 Sheila Fitzgerald, *Education and social mobility in the Soviet Union, 1921-1934*, Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 64.

27 Ol’derogge foi originalmente formado como egíptólogo. Ver: Davidson, “Patriarkh: D. A. Ol’derogge” in A. B. Davidson (ed.), *Stanovlenie otechestvennoi afrikanistiki*, p. 66.

mais esse argumento, salientando que “até 1929, não havia cientistas na União Soviética que considerassem o estudo da África *como seu principal campo de atividade*”.²⁸ Acrescenta ainda que foi também em 1929 que Endré Sík distribuiu o seu importante relatório sobre uma possível agenda para uma *afrikanístika* marxista e quando Georgii Gerngros publicou a sua primeira monografia (sob o pseudônimo de *Iug*) sobre um tema africano. A partir desse ano, até meados da década de 1930, o estudo da África baseou-se quase inteiramente dentro da Comintern e nas suas estruturas constituintes. Mas o Terror que se seguiu entre 1935 e 1938 teve o efeito de atrasar a *afrikanístika* vinte anos. A repressão generalizada desencadeada sob Stalin após o assassinato de Sergei Kirov em dezembro de 1934 efetivamente silenciou e destruiu a jovem disciplina, com a expulsão da vida acadêmica, a prisão e até a execução de muitos de seus praticantes. No momento, passemos agora a uma análise detalhada das características dominantes de cada um desses três períodos.

O primeiro período, 1920-1929: a África como elemento constituinte do “Oriente”

Na década de 1920, diversos fatores começaram a ajudar na criação de uma fundação rudimentar para o desenvolvimento posterior da *afrikanístika* como disciplina especializada na URSS e, mais particularmente, em Moscou. É necessário enfatizar que medidas foram tomadas com outros objetivos em mente, e que foi, por acaso que, após alguns anos, ocorreu a fundação de uma tradição de *afrikanístika*. Um desses eventos foi o estabelecimento em 1921 da Universidade Comunista dos Trabalhadores do Leste (KUTV). Mais tarde, em 1927, foi criada dentro da Comintern a Associação de Pesquisa para o Estudo de Questões Nacionais e Coloniais

28 Davidson, “Patriarkh: D. A. Ol’derogge”, p. 66, grifo nosso.

(NIANKP) – órgão cuja história não pode ser dissociada da KUTV.²⁹ Esses processos foram lentos e arrítmicos, como veremos a seguir.

No início, os poucos passos incertos na direção de uma compreensão da África foram dados no quadro de *vostokovedenie*, as poucas publicações apareciam apenas em intervalos extensos e o que era publicado era muitas vezes de caráter tanto político quanto acadêmico. Após a revolução, a primeira revista no novo estado soviético a editar artigos sobre assuntos africanos foi *Novyi Vostok* (O Novo Oriente), publicada sob os auspícios da Associação Científica de Estudos Orientais (VNAV), fundada em 1921.³⁰ A revista foi dirigida por Mikhail Pavlovich (1871-1927), uma figura importante no desenvolvimento de *vostokovedenie* na Rússia Soviética. Embora ele próprio não fosse um especialista em estudos orientais, e muito menos *africanística*, Pavlovich, veterano do ativismo revolucionário, escreveu e apresentou palestras sobre temas como “ligações entre a indústria pesada, as linhas de transporte mundiais, o imperialismo e a guerra”.³¹ Segundo o historiador estadunidense Edward Wilson, Pavlovich era amigo pessoal de Lenin e “foi o escritor soviético mais influente sobre a África durante a década de 1920” – uma opinião que certamente é um exagero. Como jornalista, começou a escrever sobre questões africanas já na altura da Guerra Anglo-Bóer de 1899-1902 e, após a revolução, foi considerado um “perito acerca do imperialismo”.³²

Na primeira edição da nova revista,³³ Pavlovich proclamou dramaticamente num editorial que a Rússia, concebida como Eurásia, era acima de tudo “um professor, um líder [...] lutando por um futuro melhor no

29 Irina Filátova e A. B. Davidson, *The hidden thread: Russia and South Africa in the Soviet era*, Johannesburg: Jonathan Ball, 2013, p. 113.

30 O relato desse período segue em grande parte o trabalho de A. S. Balezin, “Kritika zarubezhnoi afrikanistiki v rabotakh sovetskikh uchenykh, 20-50-x godov”, in A. B. Davidson (ed.), *Stanovlenie otechestvennoi afrikanistiki*, pp. 349-367.

31 Michael Kemper, “Red Orientalism: Mikhail Pavlovich and Marxist Oriental studies in early Soviet Russia”, *Die Welt des Islams*, v. 50, n. 3/4 (2010), p. 468, [↗](#).

32 Wilson, *Russia and Black Africa*, pp. 100-101.

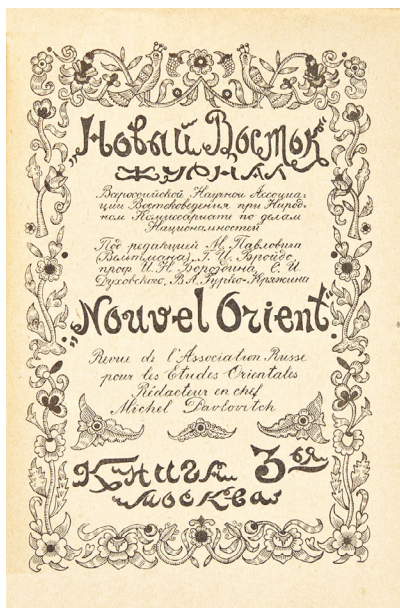
33 Para uma história de *Novyi Vostok*, e das dificuldades do VNAV e outras estruturas de *vostokovedenie* nos anos 1920, consulte Kemper, “Red Orientalism”, pp. 465-470.

mundo. Moscou é a Meca e a Medina para todos os povos escravizados”.³⁴ Acreditava que uma revolução no Oriente era tão essencial quanto na Europa. No final da década de 1920, sua abordagem dos estudos orientais havia caído em desuso na academia. Foi apenas nas décadas de 1960 e 1970 que a contribuição de Pavlovich começou a ser reavaliada. No entanto, mais recentemente, o foco histórico tem sido muito mais “nos acadêmicos de Leningrado que Pavlovich rejeitou; com poucas exceções, a *vostokovédnie* politizada do início do período soviético é amplamente esquecida de novo”.³⁵ A carreira póstuma de Pavlovich é, portanto, um exemplo da maneira específica pela qual as mudanças políticas e ideológicas impactaram, repentina e aleatoriamente, as reputações – e na década de 1930, muitas vezes as próprias vidas – dos estudiosos no período soviético.

34 Citado por A. S. Balezin, “Kritika zarubezhnoi afrikanístika”, p. 349. A metáfora sobreviveu e não só na Rússia: muito mais tarde, o líder bissau-guineense Amílcar Cabral descreveu Argel como a “Meca da revolução”. Ver: Jeffrey James Byrne, *Mecca of revolution: Algeria, decolonization and the Third World order*, Nova York: Oxford University Press, 2016.

35 Kemper, “Red Orientalism”, pp. 437-438.

Figura 3: A primeira página, em russo e francês, da edição n. 3 (1923) da revista *Novyi Vostok*, identificando Mikhail Pavlovich como chefe da redação. Nota-se a tentativa de criar uma fonte russa com aparência árabe, ou seja, “oriental”



Fonte: *Novyi Vostok*, n. 3 (1923)

De qualquer forma, a primeira edição de *Novyi Vostok* incluiu uma resenha do importante livro *Empire and Commerce in Africa*, do proeminente intelectual inglês Leonard Woolf.³⁶ No livro, Woolf apresentou um relato da história do imperialismo econômico após 1876, relato que ajudou a moldar atitudes críticas entre os radicais e socialistas ingleses do seu tempo. A resenha em *Novyi Vostok* foi talvez o primeiro texto quase-acadêmico pós-revolucionário em russo sobre qualquer tema africano.

36 Leonard Woolf, *Empire and Commerce in Africa*, Londres: George Allen & Unwin, 1920. Woolf (1880-1969) foi um comentarista político, autor, editor e funcionário público britânico; ele era casado com a romancista Virginia Woolf, que o ajudou na pesquisa para o livro e compartilhou suas opiniões sobre o imperialismo. Ver: Michèle Barrett, “Virginia Woolf’s Research for *Empire and Commerce in Africa*”, *Woolf Studies Annual*, v. 19 (2013), pp. 83-122, [↗](#)

O autor anônimo adotou posições críticas, mas reconheceu que o livro era “de indubitável interesse” na sua exposição da “história da tomada da África pelos imperialistas”.³⁷

Dois anos depois, em 1924, *Novyi Vostok* publicou o que parece ser um dos primeiros artigos sobre um tema africano a ser publicado na União Soviética. O texto, intitulado *O negro e os novos problemas na afrikanístika*,³⁸ foi escrito por Boris L. Bogaevskii (1882-1942), um filólogo clássico e especialista na civilização da Idade do Bronze da antiga Grécia micênica, o que consiste em outra ilustração da ausência de *afrikanisty* especializados nessa época. O texto de Bogaevskii é significativo tanto na sua proposta inicial de que *afrikanístika* deveria ser considerada uma disciplina separada e independente, quanto na sua rejeição da ideia de que o “negro” era um indivíduo primitivo com uma cultura primitiva. Além disso, Bogaevskii “não criticava duramente os estudos africanos estrangeiros, mas, pelo contrário, reconheceu a sua contribuição positiva”.³⁹

Posteriormente, Bogaevskii publicou uma resenha do livro luxuosamente ilustrado *A África Desconhecida (Das unbekannte Afrika)*, do etnógrafo alemão Leo Frobenius (1873-1938).⁴⁰ Frobenius era um prodigioso colecionador tanto de dados como de artefatos, e esse seu novo trabalho continha um mapeamento detalhado da distribuição no continente de elementos da cultura material, como tipos de casas, esculturas e até práticas rituais. Foi um dos primeiros críticos do eurocentrismo na história, e um pouco dado às especulações.⁴¹ Especialmente à luz da posterior hostilidade soviética em relação à erudição “burguesa”, como salientou Aleksandr Balezin, a atitude de Bogaevskii em relação a Frobenius era positiva. Descreveu o etnógrafo alemão como um “notável

37 Citado por Balezin, “Kritika zarubezhnoi afrikanistikii”, p. 350.

38 B. L. Bogaevskii, “Negri novye problemy afrikanístika”, *Novyi Vostok*, n. 6 (1924), pp. 376-391.

39 Balezin observa que, mesmo na década de 1920, isso era “elogio um tanto excessivo” (“Kritika zarubezhnoi afrikanistikii”, p. 350).

40 *Novyi Vostok*, n. 10/11 (1925).

41 Ver Suzanne Marchand, “Leo Frobenius and the revolt against the West”, *Journal of Contemporary History*, v. 32, n. 2 (1997), pp. 153-170. 

conhecedor da África, um pesquisador incansável e amigo da população negra”, cuja pesquisa emocionante e enriquecedora poderia ser lida com um “interesse incansável”. Balezin, escrevendo no ano de 2003, ironiza que 1925 “não foi [ainda] o pior dos tempos, se o censor permitiu que o autor dirigisse tantas palavras gentis ao burguês Frobenius”.⁴²

B. L. Bogaevskii não era de forma alguma um especialista em *afrikanístika* e, de fato, dificilmente havia alguém na União Soviética nessa primeira época que pudesse ser considerado pertencente à disciplina, em vez de ser meramente um funcionário do Partido. Mas a partir de 1929, uma meia dúzia de pessoas começou a se dedicar genuinamente a estudos da África. Um desses estudiosos, e possivelmente o mais importante, foi o exilado húngaro Endré Sík. Os de nacionalidade russa incluíam Georgii Gerngros, Ivan Potekhin e Aleksandr Zusmánovich, todos eles funcionários da Comintern. Em Leningrado, Dmitrii Ol’derogge estava começando a publicar artigos científicos em linguística. A característica do trabalho desses pesquisadores era que se baseou em:

não apenas em documentos do Partido e nas obras de Lenin e Stalin, mas também em publicações, palestras e discussões da Comintern sobre o Oriente e, em menor grau, sobre o “problema dos negros” nos Estados Unidos. Discursos e publicações sobre a “questão nacional-colonial” [...] forneceram o contexto “acadêmico” no qual uma nova disciplina acadêmica cresceu e se desenvolveu.⁴³

Além do mais, nenhum deles estava interessado em problemas de anticolonialismo.⁴⁴ Porém, foi exatamente nesse momento, quando começaram a aparecer esses pesquisadores realmente especializados em assuntos africanos, que ocorreu a primeira “revolução de cima”, um evento que muitas vezes foi representado como a grande ruptura, o primeiro passo na tentativa, sob Stalin, para transformar rapidamente a URSS num

42 Balezin, “Kritika zarubezhnoi afrikanistiki”, pp. 350-351.

43 Irina Filátova, “Anti-Colonialism in Soviet African Studies, 1920s-1960” in Paul Tiyambe Zeleza (ed.), *The study of Africa*, v. 2: *Global and transnational engagement*, (Dakar: CODESRIA, 2007), pp. 206-207. [↗](#)

44 Filátova, “Anti-Colonialism in Soviet African Studies”, p. 206.

estado industrializado e coletivizado.⁴⁵ Essa “revolução cultural” tem sido representada na historiografia como consistindo numa revolução “estalinista” para: “conquistar a supremacia política [...] seguida imediatamente pela subjugação da vida intelectual à vontade da liderança do partido [...] Através de seu comando da mídia, controle de nomeações [a emprego], poder de censura e ameaça de punição, a liderança coagiu a intelligentsia a observar a ortodoxia. Assim foi imposta a conformidade”.

No entanto, essa narrativa parece ser uma simplificação excessiva, uma vez que: “há poucos indícios de que a liderança durante esse período tenha seguido qualquer política clara e consistente de intervenção nos assuntos intelectuais. Por outro lado, há muitas evidências que sugerem que esses foram anos de verdadeira controvérsia e militância – embora dentro de limites ideológicos mais estreitos do que antes”.⁴⁶

O fato de que foi em 1929 que a *afrikanístika* começou a se construir como uma disciplina distinta, e que o fez dentro das estruturas político-educacionais da Comintern, parece apoiar essa interpretação mais nuançada dos eventos de 1929-1930.

O segundo período, 1930-1935: Niankp e Kutv como centros para o estudo da África

Assim, para os propósitos deste artigo, assumiremos que *afrikanístika*, no seu sentido político-acadêmico, realmente só começa aproximadamente no ano de 1929, mais que uma década após a revolução, quando alguns pesquisadores soviéticos passaram a dedicar uma atenção séria e exclusiva à questão colonial na África. No entanto, esse não era um empreendimento acadêmico que seria reconhecido como tal de uma perspectiva ocidental. Como Irina Filátova apontou: “A *afrikanístika* soviética surgiu no final da década de 1920 e início da década de 1930 [...]. As opiniões dos primeiros

45 Barber, “The establishment of intellectual orthodoxy”, p. 142.

46 Barber, “The establishment of intellectual orthodoxy”, p. 142.

afrikanisty soviéticos foram muito influenciadas por uma curiosa combinação da teoria de Lenin [...] e a luta de Stalin para [...] intensificar a ideia de liderança proletária nas revoluções de libertação nacional.⁴⁷

Figura 4. À esquerda, o edifício de três andares em Strastnaia (agora Pushkinskaia) Ploshchad', Moscou, que abrigou a KUTV na década de 1930. À direita está o prédio alto do jornal *Izvestiia*. Hoje em dia, o edifício da KUTV não existe mais



Não era apenas a abordagem do estudo da África que era diferente das ideias ocidentais; a própria base institucional de pesquisa e ensino era também específica da época e do lugar, pois se dava, no já referido KUTV, concebido originalmente em 1921, como uma escola superior do partido que formaria “quadros partidários altamente qualificados [...] das nacionalidades orientais, que seriam capazes de aplicar métodos marxistas-leninistas à prática da luta revolucionária e da construção socialista.”⁴⁸

47 Filátova, “Anti-Colonialism”, p. 207.

48 No início, a KUTV era da responsabilidade do Commissariado do Povo (ou Ministério) para as Nacionalidades, *Narkomnats*. Foi transferida à Comintern em 1923. Filátova

A KUTV logo abriu as portas a estudantes de outras nações, não-soviéticas, incluindo países africanos. Embora esses estudantes africanos fossem uma minoria em termos numéricos no corpo estudantil como um todo, foi particularmente a presença de sul-africanos que constituíram um estímulo muitíssimo importante dentro da Comintern nesse período.⁴⁹ A sua participação no trabalho daquela instituição teve o efeito de promover em Moscou um interesse não só na União Sul-Africana, mas também no resto do continente, apesar do minúsculo número de comunistas na África naquela época.⁵⁰

À medida que as responsabilidades da KUTV se expandiam, e depois de ter sido transferida administrativamente para a Comintern, sua estrutura organizacional interna também foi alterada para se adaptar à nova realidade: “um Setor Especial, ou Setor ‘A’, ou ‘KUTV Interno’ foi criado para estrangeiros [...]. Estudantes africanos e afro-americanos foram agrupados numa Seção específica dentro deste Setor, que em diferentes estágios foi chamada de Seção 9, Seção 8, etc. e às vezes, não oficialmente, a ‘Seção de Negros’”.⁵¹

Alguns anos depois, em 1927, uma unidade de pesquisa, denominada “associação”, foi criada dentro da KUTV com a tarefa de desenvolver materiais didáticos para os professores, alguns dos quais eram pesquisadores ativos. Uma revista quase-acadêmica, *Revolutsionnyi Vostok* (O Oriente Revolucionário) foi lançada, também em 1927. Em 1929, a unidade de pesquisa foi renomeada como “Associação de Pesquisa Acadêmica para Problemas Nacionais e Coloniais” (NIANKP) e, em uma inversão hierárquica, foi dada a essa unidade a responsabilidade geral dentro da Comintern pela administração da KUTV, dentro

e Davidson, *The hidden thread*, p. 112.

49 Solodovnikov, *Dom Afriki v Moskve*, p. 32.

50 Em 1924, havia cerca de 1.100 membros do partido em toda a África; em 1939, havia talvez 5.000, “cuja maior parte, provavelmente, era de franceses da Argélia e Marrocos e de trabalhadores brancos da União Sul-Africana”. Ver: Fernando Claudin, *La Crisis del movimiento comunista, de la Komintern al Kominform*, S.I.: Ruedo Ibérico, 1970, pp. 83; 199.

51 Filátova e Davidson, *The hidden thread*, p. 113.

da qual havia sido anteriormente um departamento. Não está claro o que essa mudança nominal realmente significou, pois o NIANKP continuou a funcionar como uma ala de pesquisa dentro da “universidade-escola-partidária”. Várias outras mudanças administrativas e estruturais sucederam-se ao longo dos anos – a “associação” tornou-se um instituto com biblioteca própria e vários departamentos especializados, incluindo uma espécie de “Gabinete de Estudos” vocacionado para África.⁵² Na verdade, a história administrativa dessas diversas estruturas permanece opaca, e como um pesquisador russo – sem dúvida frustrado – escreveu em 2013: “a organização da KUTV era bastante complexa [...]vale a pena notar que em diferentes documentos de arquivo para anos diferentes, os funcionários mencionam seções, setores, círculos, grupos nacionais – ou seja, não havia unidade de terminologia”.⁵³ Outros estudiosos concordam.⁵⁴ Mesmo assim, como veremos, nem a KUTV nem a NIANKP sobreviveram ao Terror no final dos anos 1930 como base institucional para o desenvolvimento de *afrikanístika*, com consequências negativas que duraram até a década de 1950.

Nesse contexto, devemos voltar nossa atenção novamente para o já mencionado Endré Sík (1891-1978), um comunista húngaro que viveu na União Soviética após a Primeira Guerra Mundial até 1945. Tornou-se professor na KUTV e ensinou a história da “África Negra”.⁵⁵ No entanto, à época, Sík era mais conhecido pela tentativa, no final da década de 1920, de desenvolver um programa sistemático para *afrikanístika*. Em 13 de abril de 1929, pronunciou uma palestra numa sessão do seminário dentro

52 Filátova e Davidson, *The hidden thread*, p. 113; Filátova, “Anti-Colonialism in Soviet African Studies”, p. 206.

53 E. V. Panin, “Kommunisticheskii universitet trudiashchikhsia Vostoka”, *Izvestiia Moskovskogo Gosudarstvennogo Tekhnicheskogo Universiteta MAMI*, n. 4 (2013), p. 202. ☐

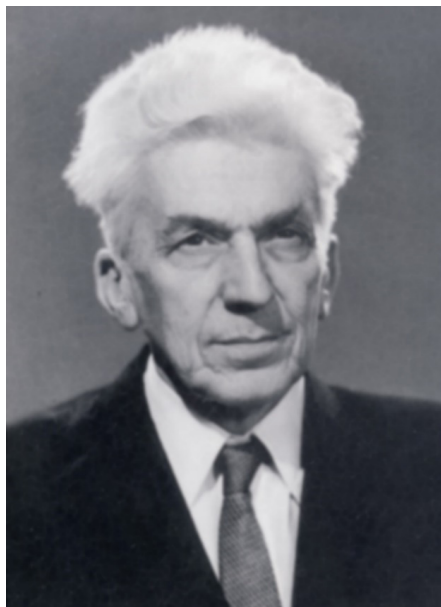
54 Davidson, por exemplo, escreve que “várias partes da KUTV, assim como a própria Comintern, muitas vezes mudaram seus nomes, seja por causa da mudança de responsabilidades, ou conspiração, ou simplesmente o resultado de confusão”: A. B. Davidson, “Glava pervogo tsentr afrikanistiki: A. Z. Zusmanovich” in A. B. Davidson (ed.), *Stanovleniye otechestvennoi afrikanistiki*, p. 97.

55 Publicou uma história geral da África em quatro volumes nas décadas de 1960 e 1970.

da NIANKP, na qual delineou uma agenda para uma abordagem marxista à *afrikanístika*. Foi apenas uma primeira tentativa de sistematização, mas mesmo assim foi preparada no contexto de lutas sobre questões teóricas marxistas em um nível muito mais geral. Em 1930, o artigo foi publicado no *Revoliutsionnyi Vostok* com a qualificação “para fins de discussão”, o que significava que não foi oficialmente endossado.⁵⁶ De fato, os escritos anteriores de Sík sobre a União Sul-Africana (assim como sobre a chamada “Questão Negra” nos Estados Unidos) não se conformavam com o que se tornou a linha oficial da Comintern no seu VI Congresso (17 de julho a 1º de setembro de 1928).

56 Colin Darch e Gary Littlejohn, “Endre Sik and the Development of African Studies in the USSR: a Study Agenda From 1929”, *History in Africa*, v. 10 (1983), p. 81, 

Figura 5: O influente estudioso e político húngaro Endré Sik (1891-1978); em russo A. A. Шук). Sik passou a maior parte de sua carreira como africanista na União Soviética antes da Segunda Guerra Mundial.



Fonte: acervo do Tsentr Afrikanskikh Issledovaniï, Moscou.

Porém, há desacordo sobre o grau de influência, que essa agenda de Sík teve nas pesquisas subsequentes na União Soviética. Edward Wilson chega a argumentar que o artigo de Sík “forneceu uma base para toda a *afrikanístika* soviética subsequente”, e acrescenta que o estabelecimento de um “Bureau Africano” permanente dentro do NIANKP constitui uma “reação direta” às propostas de Sík.⁵⁷ Em nota de rodapé comenta ainda que:

Um número notável de temas de pesquisa sugeridos pela primeira vez por [Sík] formou o enfoque dos estudos subsequentes pelos *afrikanisty* soviéticos. Por exemplo, I. I. Potekhin, geralmente considerado o

57 Wilson, *Russia and Black Africa*, p. 189.

“pai” de *afrikanístika* soviética, escreveu sua tese de doutorado sobre “A formação de comunidades nacionais pelos [povos] bantu da África Austral” [...] um assunto que seguiu fielmente o formato estabelecido por [Sík].⁵⁸

Darch e Littlejohn, no entanto, argumentam que “o desenvolvimento da *afrikanístika* soviética não pode ser simplesmente tratado como a aplicação da agenda de 1929 de Sík” e mesmo que o artigo de Sík tivesse algum impacto, isso não significava que as “posições teóricas de Sík eram rigidamente seguidas pelos colegas e alunos”.⁵⁹ Wilson também afirma que o livro de 1933 de “Jackson”, Potekhin e Zusmánovich (*Trabalho forçado e o movimento sindical na África negra*) investigava em profundidade “algumas das questões colocadas por Sík”.⁶⁰ No entanto, embora algumas passagens realmente mostrem a influência das ideias de Sík, o volume está longe de ser uma mera implementação da agenda de 1929.

É importante lembrar que nenhum outro programa foi implementado: a *afrikanístika* não foi realmente institucionalizada na União Soviética até o final dos anos 1950. Nos finais da década de 1930, a maior parte desses quadros – os *afrikanisty* – havia sido demitida ou “reprimida”, e o interesse do Estado em assuntos africanos havia desaparecido quando “a União Soviética voltou sua atenção para a crescente ameaça da Alemanha nazista”.⁶¹

Pelas mesmas razões, Irina Filátova rejeita a ideia de que o artigo de Sík tenha sido minimamente influente, apontando que:

mesmo nos anos da Comintern, o programa de Sík não era considerado oficial [...] Permaneceu nada mais do que um documento de discussão [...] o florescimento da *afrikanístika* na KUTV não durou muito [...] Após o VII Congresso da Comintern [julho-agosto de 1935], o interesse

58 Wilson, *Russia and Black Africa*, p. 341, nota de rodapé n. 116.

59 Darch e Littlejohn, “Endre Sik”, pp. 84; 92.

60 Wilson, *Russia and Black Africa*, p. 189. Nzula foi uma figura trágica que morreu em Moscou de pneumonia em 1934. Veja as notas biográficas de Robin Cohen in Nzula, Potekhin e Zusmanovich, *Forced labour in colonial Africa*, in Robin Cohen (ed.), (Londres: Zed, 1979), pp. 3-16.

61 Darch e Littlejohn, “Endre Sik”, p. 85.

da organização na África não deu em nada [...] os grupos não foram mais recrutados, as discussões congelaram e as publicações tornaram-se raras [...] O programa de Sík foi esquecido por três décadas, junto com o resto da *afrikanístika* da Comintern.⁶²

Como todo mundo em Moscou, Sík trabalhou em condições difíceis, sem acesso à literatura primária sobre a África, sem qualquer oportunidade de realizar trabalho de campo e sem contato com pesquisadores estrangeiros, para não falar dos riscos de cair em conflito com as normas ideológicas – perigosamente mutáveis – da década de 1930.

O tipo e o grau de reconhecimento que Sík desfrutaria fora do bloco socialista veio muito mais tarde, nas décadas de 1960 e 1970. Ele se tornou conhecido nos países ocidentais naquelas décadas não tanto por seus escritos anteriores, mas por causa da publicação em inglês e francês de sua história geral da África em quatro volumes, publicada pela Academia Húngara de Ciências.⁶³ Esse trabalho ambicioso foi condenado quando publicado, por “críticos tanto à direita quanto à esquerda [que atacaram] seus numerosos erros factuais e o dogmatismo de sua abordagem”.⁶⁴ No entanto, o livro era na verdade uma versão não revisada de um manuscrito concluído na década de 1930 e discutido dentro do NIANKP. Sík havia trabalhado apenas com um punhado de fontes em inglês de autores “capitalistas” e, se o livro tivesse sido publicado quando foi escrito, poderia ter sido visto como uma tentativa pioneira, embora falha.⁶⁵ O próprio Sík, que no período pós-guerra tornou-se uma figura política

62 Irina Filátova, “Tsentr afrikanskikh issledovanií IVI RAN”, parágrafo 51.

63 Endré Sík, *The history of Black Africa*, Budapest: Akadémiai Kiadó, 1966-1974, 4 v. Para uma discussão detalhada sobre a recepção da história em quatro volumes no Ocidente quando ela foi finalmente publicada em inglês e francês, veja Darch, *Right Side of History*, parágrafos 12-19.

64 Filátova e Davidson, *The hidden thread*, p. 126.

65 Darch e Littlejohn argumentam que é necessário “colocar o livro no contexto, não da historiografia burguesa e nacionalista... dos anos 1960 e 1970, mas de uma geração anterior, quando a história ocidental (ou seja, não marxista) da África efetivamente não existia [...] o Sík reclama a nossa atenção[...] como professor, na União Soviética, de uma geração que incluía alguns dos estudantes [...] que viraram os mais influentes no domínio”: Darch e Littlejohn, “Endre Sík”, p. 80.

importante na Hungria, insistiu que o livro fosse publicado sem revisão na década de 1960; ele também acreditava que sua publicação original havia sido bloqueada por Ivan Potekhin, a quem ele odiava. Filátova e Davidson apontaram que o trabalho foi “com efeito, a primeira tentativa de escrever uma história do continente africano como um todo, como uma história dos africanos, não das conquistas europeias na África, e como uma história de classes e luta de classes e da luta contra a dominação estrangeira – tudo que se tornou a norma na *afrikanístika* décadas depois”.⁶⁶

Potekhin não foi a única pessoa com quem Sík entrou em confronto na KUTV. Em abril de 1929, uma estudante afro-americana o acusou de promover divisões entre os estudantes negros, e de favorecer um grupo em detrimento dos outros. Essa disputa parece ter sido resolvida, mas naquela época tais problemas poderiam ter consequências nada triviais. Nos anos de repressão que se seguiram, a vida intelectual independente tornar-se-ia ainda mais perigosa.

O terceiro período, 1935-1938: o terror stalinista

O que o historiador John Barber chamava a segunda das duas “revoluções de cima” atingiu a sua forma mais feroz entre 1937 e 1938,⁶⁷ mas estava enraizada em desenvolvimentos anteriores. Apesar disso, devemos ter cuidado para não cair na armadilha de aceitar que a política soviética nessa época foi formulada em busca de um grande desígnio, de uma subordinação megalomaniaca de “todas as esferas da vida soviética ao poder pessoal e a dominação absoluta [de Stalin]”. Pelo contrário, a liderança do

66 Filátova e Davidson, *The hidden thread*, p. 126. Davidson descreveu o livro num outro lugar como “irremediavelmente desatualizado” na década de 1960. A. B. Davison, “Avtor pervoi mnogotomnoi istorii chernoi Afriki” in Davidson (ed.), *Stanovlenie otechestvennoi afrikanistiki*, p. 76.

67 Mark Edele, *Stalinist society*, p. 40.

Partido na maioria das vezes estava simplesmente reagindo aos eventos, em vez de seguir uma tal estratégia intencional.⁶⁸

Mesmo assim, já no final da década de 1920 havia indícios de que qualquer não-conformismo à ideologia imposta, combinado com os riscos de origem familiar “burguesa” ou mesmo estrangeira, poderia levar a várias formas de repressão, de graus de severidade crescentes. Em 1928, um grupo de engenheiros na região de Shakhty no *Donbass* (bacia do rio Donets) foi acusado de sabotagem – e foram julgados publicamente em Moscou alguns meses depois. Esse julgamento espetacular foi “um ponto de virada na política soviética em relação aos intelectuais”,⁶⁹ incluindo os cientistas sociais. Os chamados “especialistas burgueses” haviam sido até certo ponto protegidos pela necessidade do Estado quanto as suas habilidades, mas agora começaram a ser vistos com desconfiança, como inimigos de classe. Ao mesmo tempo, estava ocorrendo um processo de “proletarização” do corpo docente no ensino superior. A oportunidade para isso acontecer foi oferecida pelo fato de que professores titulares foram contratados por dez anos e professores juniores por cinco, após os quais precisaram ser reconduzidos. De acordo com algumas fontes, em 1929, algo como 200 professores universitários foram demitidos e, no ano seguinte, outros 1.200 tiveram o registro recusado; muitos nem mesmo se preocuparam em tentar se inscrever novamente.⁷⁰

Em paralelo, a partir de 1929, a questão da política pré-guerra de Lenin na Segunda Internacional era debatida nas páginas das revistas partidárias *Proletarskaia Revoliutsiia* (já mencionada) e *Istoriik-Marksist*, bem como nos seminários do Instituto dos Professores Vermelhos. Em outubro de 1931, Stalin interveio no debate com “uma longa carta [...] denunciando furiosamente” o autor de um dos artigos publicados anterior-

68 John Barber, “Stalin’s letter to the editors of *Proletarskaia Revoliutsiia*”, *Soviet Studies*, v.28, n.1 (1976), p. 25, 

69 Sheila Fitzpatrick, “Cultural revolution in Russia, 1928-1932”, *Journal of Contemporary History*, v. 9, n. 1 (1974), p. 39, 

70 Fitzpatrick, “Cultural revolution in Russia”, p. 47.

mente.⁷¹ Com efeito, a carta de Stalin significou o triunfo das aplicações de *partiinost* ao ensino e à pesquisa histórica, uma questão que permaneceu viva até a década de 1950, se não mais tarde.⁷² Se isso foi realmente a intenção de Stalin, no entanto, permanece incerto. Uma possível explicação alternativa é de que Stalin estava buscando um propósito político “muito mais limitado, [a saber] ajudar na criação de uma ideologia adequada para os recém-chegados ao partido sem conhecimento teórico ou experiência política”.⁷³ Independentemente disso, no mundo real:

O impacto da carta [...] no mundo histórico foi cataclísmico [...]. Críticas, autocríticas, demissões de cargos acadêmicos, expulsão do partido – poucos escaparam de um ou outro desses destinos [...]. Fora da capital [Moscou], a crítica aos historiadores foi ainda mais difundida [...]. O trabalho histórico normal praticamente parou [...]. Quase nenhuma esfera de atividade intelectual foi poupada de um escrutínio político rigoroso.⁷⁴

Em termos gerais, o Grande Terror entrou na sua fase mais brutal entre agosto de 1936 e março de 1938, após o assassinato de Sergei Kirov em dezembro de 1934 e destruiu a vida de milhões de cidadãos, de todas as camadas sociais.⁷⁵ Os vinte anos entre o auge dos expurgos e a denúncia de Stalin e seus métodos por Kruschchev no discurso ao 20º Congresso do PCUS em 1956 foram essencialmente um prolongado período de silêncio no que diz respeito à *afrikanístika*. A atividade cessou quando os *afrikanisty* foram apanhados pela máquina da repressão, junto com intelectuais e acadêmicos de todas as áreas. Embora tenha havido ondas anteriores de repressão a partir do final da década de 1920, em 1936 a economia

71 E. H. Carr, “Stalin’s letter to *Proletarskaya Revolyutsiya*” in E. H. Carr, *Twilight of the Comintern, 1930-1935*, (New York: Pantheon Books, 1982), p. 429.

72 R. S., “Textual criticism of Soviet historical documents”, *Soviet Studies*, v. 9, n. 4 (1958), p. 451, 

73 Barber, “Stalin’s letter”, p. 39.

74 Barber, “Stalin’s letter”, pp. 22-23.

75 Estatísticas confiáveis não estão disponíveis, mas consulte-se Michael Ellman, “Soviet repression statistics: some comments”, *Europe-Asia Studies*, v. 54, n. 7 (2002), pp. 1151-1172, 

soviética desacelerou significativamente, com a produção agrícola caindo vertiginosamente e o Terror foi se intensificando. É provável que a crise econômica tenha ajudado a provocar os expurgos e, ao mesmo tempo, os expurgos contribuíram para as dificuldades econômicas ao remover pessoal importante. Uma “leitura atenta da imprensa soviética contemporânea [...] coleções de estatísticas econômicas e materiais de arquivo sugeririam [...] que a queda nas taxas de crescimento soviéticas foi uma causa e também uma consequência dos expurgos”.⁷⁶

À medida que o Terror avançava, africanistas e orientalistas tornaram-se suas vítimas. Alguns foram fuzilados, outros morreram nos campos do Gulag.⁷⁷ Nos tempos pós-soviéticos, uma literatura emergente em russo, incluindo sites, documentou não apenas o destino da “velha intelectualidade” em termos gerais,⁷⁸ mas também o impacto devastador dos expurgos especificamente nas disciplinas etnologia e estudos orientais. Uma publicação estimou que “cerca de 500 etnógrafos e cientistas de especialidades relacionadas” foram afetados por vários expurgos a partir da década de 1920. Embora alguns tenham sobrevivido e voltado à pesquisa, “a experiência não poderia evitar de deixar uma marca em suas vidas e atividades futuras”.⁷⁹ Em um site baseado e atualizado a partir de um livro originalmente publicado em 2003, narrando o destino de 750 orientalistas soviéticos, os editores afirmaram que queriam homenagear “a memória dos *vostokovedy* russos, mortos e feridos, para coletar fatos que

76 Roberta T. Manning, “The Soviet economic crisis of 1936-1940 and the Great Purges” in J. Arch Getty e Roberta T. Manning (eds.), *Stalinist terror: new perspectives* (Cambridge: Cambridge University Press, 1993), p. 116, 

77 “Quase todos com quem Zusmanovich trabalhou foram exterminados. Não apenas o escalão superior da Comintern, mas também membros da equipe [...] todos foram acusados de trotskismo”. Davidson, “Glava pervogo tsentr afrikanistiki”, pp. 103-104.

78 D. B. Petrov (ed.), *Repressirovanniaia intelligentsia, 1917-1934 gg.*, Moscou: ROSSPEN, 2010.

79 D. D. Tumarkin (ed.), *Repressirovanye etnografy*, Moscou: Izdat Vostochnaia Literatura RAN, 2002, 2ª ed., vypusk 1, p. 3. Ver também V. A. Kumanev (org.), *Tragicheskie sud'by: repressirovannye uchenye Akademii Nauk SSSR*, Moscou: Nauka, 1995, com uma lista completa de membros da Academia de Ciências que foram vítimas de medidas repressivas.

requerem análise [...] [e] para oferecer material para a construção de uma história social objetiva dos estudos orientais nos tempos soviéticos”.⁸⁰

Descrevendo os expurgos como uma “catástrofe sem precedentes do século XX”, acrescentam o que também pode ser definido como uma espécie de “auto genocídio”.⁸¹ Por pior que fossem as coisas para os estudos etnográficos e orientais, como argumentou Davidson, foi “a *afrikanístika* [que] sofreu o golpe [mais] esmagador, muito mais terrível do que os estudos orientais. Ao contrário dos estudos orientais, que tinham uma longa tradição, a *afrikanístika* tinha acabado de surgir, então murchou na videira. O número [de pesquisadores] era tão pequeno que a filial de Moscou – na época, a principal – simplesmente deixou de existir”.⁸²

Isso talvez seja um exagero, já que algum ensino e pesquisa etnográfica continuou em Moscou. Maria Rait, depois especialista em estudos etíopes, por exemplo, começou a frequentar aulas de etnografia em Moscou em 1940, pouco antes do início da guerra.⁸³ Mas em geral, pouco se sabe ou pouco foi documentado em pormenor. A maioria das informações biográficas disponíveis sobre figuras proeminentes estão contidas na coleção editada por Davidson em 2003.⁸⁴ Até o final de 1937, tanto o NIANKP quanto a KUTV foram completamente eviscerados pelos expurgos e haviam parado de funcionar. O que aconteceu então com os *afrikanisty* que trabalharam lá, tal como Gerngros, Potekhin, Sík, Zusmánovich e os outros, ou mesmo com os linguistas e etnógrafos em torno de Ol’derogge em Leningrado?

80 Ia. V. Vasil’kov e M. Iu. Sorokina (eds.), *Liudi i sud’by: biobibliograficheskii slovar’ vostokovedov, zhert politicheskogo terrora v sovetskii period 1917-1991*, [?] Meus agradecimentos à Dra. Marina Sorokina por me indicar esse site.

81 “Dos Compiladores”, in Vasil’kov e Sorokina (eds.), *Liudi i sud’by*, [?]

82 Davidson, “Repressirovannaia Afrikanístika”, p. 16.

83 Maria Rait, “Kak ia stala afrikanistkoi” in A. B. Davidson (ed.), *Stanovlenie otechestvennoi afrikanístika*, p. 207.

84 A. B. Davidson (ed.), *Stanovlenie otechestvennoi afrikanístika*, com 386 páginas.

Figura 6: Georgii Gerngros (1892-1937), que publicou os seus textos sobre a África sob o pseudônimo de “Iug”. Ele foi executado durante o Grande Terror sob a acusação de ser contrarrevolucionário e espião.



Fonte: acervo do Tsentr Afrikanskikh Issledovani, Moscou.

O menos afortunado desse grupo pioneiro de *afrikanisty* foi Georgii Gerngros, nascido em 1892, cujo sobrenome alemão e origem familiar “burguesa” já o marcaram como “diferente”. Seu pai havia sido um oficial de alto escalão do exército imperial russo. Gerngros recebeu uma educação de elite e depois trabalhou na Cruz Vermelha Russa, nos campos de combate durante a Primeira Guerra Mundial.⁸⁵ Após a revolução de fevereiro de 1917 e sob o governo provisório de Kerensky, o jovem voltou para a propriedade da família Gerngros nas zonas rurais, mas em 1918 foi preso em mais de uma ocasião pela *Cheka* – a polícia secreta soviética – sob a

85 Rufina Viatkina, “Avtor pervykh knig: G. E. Gengros” in A. B. Davidson (ed.), *Stanovlenie otechestvennoi afrikanistika*, p. 48.

acusação de fomentar uma rebelião antissoviética e de estar envolvido em contatos com um inglês suspeito de ser espião.⁸⁶ Os arquivos dessas prisões voltariam para assombrá-lo após quase vinte anos. Antes, porém, Gerngros voltou a Moscou em 1926 como funcionário no “Comissariado Popular do Comércio” até ser vítima das repressões da “revolução cultural” no final da década de 1920, quando foi demitido e teve negada qualquer oportunidade de emprego permanente. No entanto, no mesmo ano de 1926, Gerngros começou a colaborar em pesquisas no Instituto de Economia e Política Mundial (posteriormente IMEMO), onde seu domínio do inglês, francês e alemão e acesso a fontes estatísticas na biblioteca permitiram que ele comesse a estudar o colonialismo na África.

Daí, Gerngros começou a publicar artigos e livros assinados com o pseudônimo *Iug*, que em russo significa “Sul”. O nome verdadeiro do autor era conhecido apenas por um punhado de especialistas, o que pode explicar por que suas publicações sobreviveram ao que foi chamado de “limpeza das bibliotecas” sob Stalin.⁸⁷ Em 1929, queixou-se à direção do Instituto da necessidade de acesso a mais e melhores fontes:

devo dizer que é ridículo que temos tão poucos livros que analisam a situação econômica do continente [africano], os ramos individuais da agricultura e da indústria, e o papel das colônias africanas na economia mundial [...] o estudo da África ainda não foi colocado na agenda do trabalho do Instituto como um item independente [...]. Peço a vocês que prestem atenção especial ao abastecimento das estantes do Instituto com livros sobre esses temas, e estou completamente disponível para ajudar na compilação de uma lista da literatura necessária.⁸⁸

Em 1929, *Iug* publicou uma monografia sobre o imperialismo na África, mas no ano seguinte esse livro recebeu uma avaliação negativa na revista *Revoliutsionnyi Vostok*. Gerngros foi criticado por ter produzido nada mais do que “uma paráfrase de autores burgueses estrangeiros”. No entanto, ele não foi impedido de continuar a pesquisar e publicar, produ-

86 Viatkina, “Avtor pervykh knig”, p. 48.

87 Viatkina, “Avtor pervykh knig”, pp. 47; 49.

88 Viatkina, “Avtor pervykh knig”, p. 50.

zindo artigos sobre tópicos como o mercado de produção de cobre africano e a economia sul-africana. Seu segundo livro, sobre as colônias britânicas na África Oriental, foi mais uma vez criticado pela metodologia defeituosa, dessa vez no próprio prefácio, que afirmava que não “satisfez todos os requisitos para estudos marxistas-leninistas sobre os países colonizados”. O prefaciador acrescentava, a contragosto, que o texto, no entanto, ainda era “de considerável interesse” como uma descrição do funcionamento do imperialismo britânico. O terceiro livro publicado sob o pseudônimo de *Iug* enfocou a União Sul-Africana. A segunda e a terceira monografias de Gerngros contêm tabelas estatísticas e múltiplos documentos primários, bem como “análises históricas bastante completas”.⁸⁹ Gerngros publicou mais dois livros pequenos em 1931 e 1932, um deles uma tradução de um panfleto inglês sobre trabalho forçado. Em 1935, *Iug* ainda trabalhava como pesquisador não-oficial com o grupo da NIANKP, e vários manuscritos inéditos dele foram encontrados nos arquivos anos depois.⁹⁰ A autora do principal relato biográfico moderno sobre a vida de Gerngros, Rufina Viatkina, comenta que:

apesar da situação opressiva no país [...] e da situação financeira difícil e circunstâncias sociais humilhantes, o *Iug* continuou a lidar com os problemas da África, e até mesmo mudou para um tópico anteriormente desconhecido – a África Ocidental [...] ele estudou cuidadosamente a situação econômica e política ... e ele considerou seu trabalho uma [verdadeira] contribuição... do alinhamento das forças de classe nas colônias britânicas.⁹¹

Mas no meio do Grande Terror, as atividades da KUTV e da NIANKP foram paralisadas e o infeliz Gerngros foi preso em 5 de setembro de 1937, acusado de espionar para a Grã-Bretanha (a antiga acusação de

89 Viatkina, “Avtor pervykh knig”, pp. 50-51.

90 Para detalhes desses manuscritos, ver Viatkina, “Avtor pervykh knig”, p. 52.

91 Viatkina, “Avtor pervykh knig”, p. 52.

1918). Foi condenado por “agitação contrarrevolucionária ativa” e foi fuzilado em novembro ou dezembro de 1937.⁹²

Figura 7: Ivan Potekhin (1903-1964), que pesquisou temas africanos no Comintern na década de 1930 e muito mais tarde foi nomeado primeiro diretor do Institut Afriki na Academia de Ciências.



Fonte: acervo do Tsentr Afrikanskikh Issledovaniï, Moscou.

Ivan Potekhin teve mais sorte do que Gerngros. Destinado a se tornar o africanista soviético mais conhecido no Ocidente nas décadas de 1950 e 1960, era, ao contrário de seu colega, inteiramente russo e totalmente proletário por origem. Nasceu em 1903 em uma família de camponeses pobres, em uma aldeia perto da cidade de Krasnoiarsk, no sul da Sibéria, e começou a trabalhar aos 14 anos – num curtume e depois

92 Vasil'kov e Sorokina (eds.), *Liudi i sud'by*, ☒ Sob o regime reformista de Mikhail Gorbachev, Gerngros foi reabilitado postumamente em 2 de junho de 1988.

numa fundição de ferro. Aos vinte anos, tornou-se politicamente ativo, primeiro no Komsomol e depois no próprio Partido.⁹³ Estudou na Escola Superior do Partido em Krasnoiarsk e ocupou vários cargos políticos e administrativos, também ensinando ciências sociais em escolas secundárias e técnicas. Mas, como Davidson aponta, “Potekhin não teve nenhum tipo de educação *sistemática* – ele não se formou numa universidade, mas estudou na escola de pós-graduação em KUTV, que era um treinamento político-ideológico”.⁹⁴

Em 1929, prestou serviço militar como comissário político na fronteira da Manchúria durante o conflito com o senhor da guerra Zhang Xue-Liang pelo controle da Ferrovia Oriental Chinesa, e chegou a participar de combates.⁹⁵ Anos depois, ele atribuiu sua carreira posterior à influência dessa experiência. Questionado pelo político irlandês Conor Cruise O’Brien sobre como se tornou um especialista em África, respondeu laconicamente que tudo aconteceu na “época da revolução russa. Sou jovem revolucionário. Muito ativo. Partido me percebeu. Problemas na fronteira [...]. Questão da Ferrovia Oriental Chinesa. Partido me enviou lá [...]. Assim, perito em problemas de minorias. Assim, África”.⁹⁶ Essa observação improvisada ilumina a maneira como os estudiosos soviéticos entendiam a íntima relação estrutural entre *vostokovedenie* e *afrikanistika*.⁹⁷

No contexto dessa experiência no Extremo Oriente, em agosto de 1930 foi enviado para estudar no Instituto Oriental de Leningrado sob a supervisão de Ol’derogge, que o encaminhou aos temas africanos.

93 A. B. Davidson, “Osnovatel’ Instituta Afriki: I. I. Potekhin” in A. B. Davidson (ed.), *Stanovlenie otechestvennoi afrikanistika*, p. 134.

94 Davidson, “Osnovatel’ Instituta Afriki”, pp. 117; 134-135.

95 Davidson, “Osnovatel’ Instituta Afriki”, p. 135; A. B. Davidson, “Ivan Potekhin: 70-year birth anniversary” in V. G. Solodnikov et. al. (eds.), *Africa in Soviet studies 1973: to the memory of I. I. Potekhin* (Moscou: Nauka, 1976), p. 5.

96 Conor Cruise O’Brien, “Russian scholars and Black themes”, *The Observer*, London (20 maio 1979), p. 9.

97 Para uma análise detalhada desta e de outras questões relacionadas, a partir de uma perspectiva intelectual russa, veja Zheltov, “Afrikanistika ‘kompleks distsiplin’”, pp. 48-62.

Concluídos os seus cursos, no final de 1932 foi enviado de novo para trabalhar na KUTV/NIANKP em Moscou, onde se lançou com entusiasmo no seu novo emprego, com financiamento suficiente para a compra de alguns dos livros, jornais e periódicos estrangeiros mais essenciais. O mais importante de tudo foram os alunos: “ele se tornou bem próximo dos sul-africanos. A África do Sul tornou-se sua primeira paixão na ciência [...] o único partido comunista na “África Negra” era o da União Sul-Africana, e Potekhin, até o fim de sua vida, acreditou nas ideias do comunismo. Nas palavras de Ol’derogge, ele era um “crente”.⁹⁸

Nos quatro anos entre 1932 e 1936, Potekhin publicou vários artigos,⁹⁹ bem como o importante livro sobre o movimento trabalhista e trabalho forçado na África negra,¹⁰⁰ em colaboração com A. Z. Zusmánovich e “Tom Jackson”, pseudônimo do jovem comunista sul-africano Albert Nzula.¹⁰¹ Segundo Zusmánovich, Potekhin foi a verdadeira “locomotiva” na preparação desse importante trabalho.¹⁰²

98 Davidson, “Osnovatel’ Instituta Afriki”, pp. 116; 135.

99 Davidson afirma que até vinte trabalhos foram publicados entre 1932 e 1936. A. B. Davidson, “Osnovatel’ Instituta Afriki”, p. 117. Mitkin, por sua vez, lista apenas dez, incluindo uma resenha de livro, e algumas peças publicadas sob um pseudônimo. T. A. Mitkin, “List of works by I. I. Potekhin” in V. G. Solodnikov et. al. (eds.), *Africa in Soviet studies* 1973, pp. 57-58.

100 A. T. Nzula, I. I. Potekhin e A. Z. Zusmanovich, *Prinuditel’nyi trud i profdvizhenie o negritianskoi Afrike*, Moscou: Profizdat, 1933.

101 Nzula foi uma figura trágica que morreu em Moscou de pneumonia em 1934. Veja as notas biográficas de Robin Cohen in Nzula, Potekhin e Zusmanovich, *Forced labour in colonial Africa*, (Londres: Zed, 1979), pp. 3-16.

102 Citado por Davidson, “Osnovatel’ Instituta Afriki”, p. 117.

Figura 8: O investigador Albert Nzula (1905-1934), também secretário-geral do Partido Comunista Sul-africano entre 1929 e 1933. Ele colaborou com Potekhin e Zusmánovich num livro sobre o trabalho forçado em África, e morreu de pneumonia lobar em Moscou, em janeiro de 1934.



Fonte: acervo do Tsentr Afrikanskikh Issledovaniï, Moscou.

Mas tempos perigosos estavam por vir. As convicções ideológicas de Potekhin aparentemente permaneceram inabaláveis mesmo com os expurgos que começaram na Comintern antes de 1937 e 1938. Figuras importantes como P. A. Mif,¹⁰³ L. Magyar,¹⁰⁴ G. I. Safarov¹⁰⁵ e outros já tinham sido vítimas da repressão ainda em 1934 e 1935 e, no final de 1935,

103 Em 1937, Pavel Mif foi reitor da KUTV e diretor do NIANKP. Preso em dezembro do mesmo ano, acusado de pertencer a uma organização terrorista e fuzilado em setembro de 1938.

104 Ludwig Magyar, nascido na Hungria, sinólogo. Preso em 1935 e acusado de espionagem. Fuzilado em 1937.

105 Georgii Safarov era um funcionário partidário que publicava alguns textos sobre assuntos asiáticos. Foi preso em 1934 e fuzilado em 1942.

o chefe imediato de Potekhin, ou seja, Zusmánovich, também foi demitido. Potekhin foi nomeado chefe da Seção Africana na KUTV e do Bureau da África no NIANKP, mas isso foi apenas temporário. Alguns meses depois, ele foi acusado de “falta de vigilância” e demitido sem cerimônia. Como Gerngros, ele se tornou efetivamente não empregável, sendo rejeitado mesmo pelo Instituto de Etnografia de Leningrado. Um quadro leal do Partido, Potekhin já era casado e tinha dois filhos pequenos, mas felizmente para ele e sua família, sua esposa tinha emprego e, de alguma forma, eles conseguiram manter seu apartamento. Mais importante de tudo, Potekhin nunca foi preso.¹⁰⁶ Em 1939, ele se encontrou ensinando os princípios do marxismo-leninismo numa faculdade para dentistas e, quando a guerra estourou, ele foi novamente mobilizado para o Exército Vermelho como instrutor – ainda ensinando os fundamentos do marxismo-leninismo – na Escola Superior de Oficiais do NKVD, o Commissariado Popular para Assuntos Internos, ou seja, a polícia de segurança.¹⁰⁷ Potekhin sobreviveu à guerra e em 1945 foi renomeado pesquisador no Instituto de Etnografia – devemos lembrar que com o desaparecimento da KUTV e das outras estruturas da Comintern, bem como da própria Comintern, não havia mais nenhuma instituição dedicada a *afrikanístika* na URSS – e em 1949 foi nomeado vice-diretor desse instituto. Sua nomeação como o primeiro diretor do *Institut Afriki* em Moscou só ocorreu uma década depois. Mas como o muito mais jovem Apollon Davidson observa com uma certa tristeza:

cada geração que passou é um mistério. As pessoas da Comintern tiveram um destino especial [...] é difícil encontrar outros exemplos quando, no espaço de alguns anos, tantas mudanças abruptas perturbaram a vida das pessoas. Como foi sobreviver tão milagrosamente? Não pode levar a [...] confusão interior, pelo menos às vezes? [...] Eu ouvi uma conversa entre Potekhin e alguém de sua geração: “O que valem os se eles não [se deram ao trabalho de] nós fuzilar em 1937?”¹⁰⁸

106 Davidson, “Osnovatel’ Instituta Afriki”, p. 117.

107 Arquivo da Academia Russa de Ciências. F. 411. on. 58. D. 312. L. 15-16, citado por Davidson, “Osnovatel’ Instituta Afriki”, pp. 134-135.

108 Davidson, “Osnovatel’ Instituta Afriki”, pp. 132-133.

Aleksandr Zusmánovich, colaborador de Potekhin na preparação do volume de 1933 sobre trabalho forçado já discutido acima, também teve mais sorte do que Gerngros e muitos outros, escapando da morte no “banho de sangue de 1937” apenas por milagre. Em resumo, Zusmánovich conseguiu sobreviver não apenas aos expurgos, mas também como combatente na Segunda Guerra Mundial e um período de prisão após a guerra, trabalhando na ferrovia Baikal-Amur na Sibéria. Voltou a *afrikanístika* em 1956. Há poucas informações publicadas sobre a vida pessoal de Zusmánovich na década de 1930, além de um breve relato de Apollon Davidson, que o conheceu pessoalmente no pós-guerra, e alguns documentos de arquivo que Davidson inclui como anexos ao seu capítulo; consequentemente, o que se segue depende quase exclusivamente da narrativa de Davidson, cuja simpatia por Zusmánovich é óbvia.¹⁰⁹

Zusmánovich nasceu numa família judaica de classe média na Ucrânia em agosto de 1904.¹¹⁰ Frequentou a escola de 1912 a 1917, mas não a completou, terminando apenas a sexta série.¹¹¹ A razão parece ter sido que, ainda adolescente, se tornou ativista político e desempenhou um papel nas campanhas brutais da Guerra Civil na Ucrânia, envolvendo não apenas o Exército Vermelho contra os Guardas Brancos monarquistas, mas também vários grupos “verdes” de campesinato, dos quais o melhor conhecido foi liderado pelo anarquista Nestor Makhno: “em março de 1918 estava num regimento de infantaria do Exército Vermelho em Aleksandrovsk [*agora Zaporozhe*]; em junho de 1919, era um ‘combattente político’ [...] em dezembro de 1921 foi comissário de uma brigada para a eliminação do banditismo”.¹¹²

109 A. B. Davidson, “Glava pervogo tsentr afrikanistiki”, pp. 94-115. Davidson também escreveu outro artigo sobre Zusmanovich e Sík no qual “é dada atenção especial” aos seus destinos pessoais. A. B. Davidson, “Pervoe pokolenie otechestvennykh afrikanistikov”, *Novaia i noveishaia istoriia*, n. 5 (2019), pp. 69-80, [📄](#)

110 A maioria das fontes citam uma data de nascimento em 1902, mas Zusmanovich a falsificou em 1917 para se juntar aos Guardas Vermelhos. Veja Sergei Liubichankovskii, “Sei zamechatel’nyi Zus: stranitsy voennogo puti Aleksandra Zusmanovicha”, *Izvestiia VUZy. Povolzhskii Region. Gumanitarnye Nauki*, n. 1 (2022), p. 92, [📄](#)

111 Davidson, “Glava pervogo tsentr afrikanistiki”, pp. 95; 108.

112 Liubichankovskii, “Sei zamechatel’nyi Zus”, p. 92.

Tal como no exemplo de Potekhin, a educação básica de Zusmánovich era irregular e assistemática, mas existia na altura uma espécie de voluntarismo, de acordo com o qual “um verdadeiro membro do partido poderia [...] liderar estudos africanos hoje, uma fazenda coletiva amanhã e depois de amanhã fazer outra coisa”, caso lhe fosse atribuído tal tarefa.¹¹³ De todo modo, quando acabou a Guerra Civil e foi desmobilizado (aparentemente em 1923), Zusmánovich continuou a trabalhar como um típico e leal funcionário soviético na Ucrânia até 1927, quando, nas suas próprias palavras

fui enviado a Moscou ao Comitê Executivo da Comunista Internacional da Juventude, como representante do Komsomol ucraniano [...]. Em setembro de 1929, fui enviado ao Bureau Executivo do Profintern, onde, a princípio, trabalhei como vice diretor do Departamento de Organização, e depois como Vice-Presidente do Comitê Sindical Internacional para os Países Africanos”.¹¹⁴

Esse foi o início de seu envolvimento com os assuntos africanos. Enquanto trabalhava em Moscou, Zusmánovich também frequentou cursos no Instituto dos Professores Vermelhos e, em 1929, começou a lecionar na KUTV, onde se tornou chefe do NIANKP, responsável tanto pelo “Bureau Africano” quanto pelos estudos de pós-graduação. A partir de 1932, trabalhou no Secretariado Oriental do Comitê Executivo da Comintern (ECCI). Mas naquele momento uma desgraça desastrosa atingiu o jovem pesquisador.

Um comunista alemão, Robert Nauman (1899-1978), que trabalhou no ECCI, apresentou um relatório secreto em 26 de agosto de 1936, tendo investigado se havia um “grupo trotskista-zinovievista contrarrevolucionário, incluindo Zusmánovich, Potekhin [...] e outros, que estava ligado a Magyar e Safarov”.¹¹⁵ Não é surpresa, dada a situação da época, que

113 Davidson, “Glava pervogo tsentr afrikanistiki”, p. 98.

114 Autobiografia datada de 8 de outubro de 1956, citada por Davidson, “Glava pervogo tsentr afrikanistiki”, p. 111.

115 R. Nauman, “Zaiavlenie sotrudnika ispolkoma Kominterna”, 26 ago. 1936, Arquivo Estatal Russo de História Sócio-Política (RGASPI), F. 495, op. 20, n. 660, L. 30-33,

Nauman reivindicou ter descoberto que havia de fato um tal grupo, que “defendia as opiniões trotskistas-zinovevistas sobre questões sul-africanas”. Ainda pior, o próprio Zusmánovich, concluiu Nauman, “era o principal organizador do grupo” e estava “associado a Safarov e Magyar”, que eram de fato seus superiores na época. Olhando para trás, é fácil ver que essas acusações não tinham qualquer justificação, nem evidência, e foram produzidas no contexto das frenéticas campanhas antitrotskistas do período.¹¹⁶ Posteriormente, em reunião do ECCI de 28 de novembro, foi decidido demitir Zusmánovich e substituí-lo por Potekhin, que ficou apenas alguns meses no cargo. Mas Zusmánovich teve sorte, foi expurgado relativamente cedo, antes que as rodas da repressão ganhassem todo o poder que passaram a ter em 1937. Depois de ser demitido, Zusmánovich manteve um perfil discreto, trabalhando por um tempo como administrador em um teatro de Moscou, um trabalho que sua esposa arranjou para ele.

Outro sobrevivente desse período, mas de Leningrado, foi Dmitri Ol’derogge. Há algum debate na literatura russa sobre se seria justificável falar de uma “Escola de Afrikanístika de Leningrado”, baseada no grupo de estudiosos que se reuniram em torno de Ol’derogge. Também se discute, caso se aceite essa tese, quais poderiam ter sido suas características.¹¹⁷ Mas na década de 1930, mesmo em Leningrado, a principal preocupação entre os intelectuais, especialmente entre aqueles que tinham sobrenomes familiares estrangeiros ou cujas origens sociais não eram proletárias, como no caso de Ol’derogge, parece ter sido a sobrevivência, e a principal emoção, o medo: “quantos anos que [Ol’derogge] viveu com medo de represálias, até a prisão! Um aristocrata [...] o tio foi fuzilado em 1931, a tia foi presa [...] Em 1937, e não apenas naquela época, ele próprio

publicado como apêndice em Davidson, “Glava pervogo tsentr afrikanistiki”, p. 112.

116 Nauman, “Zaiavlenie sotrudnika ispolkoma Kominterna”, pp. 112-113.

117 Ver, por exemplo, V. R. Arsen’ev, “Ot Leningradskoi shkoly afrikanistiki k istoricheskoi sotsionomologii: na putiakh preodoleniia kontseptual’nogo krizisa humanitarnykh nauk” in V. F. Vydrin (ed.), *Afrikanskii sbornik 2007*, (São Petersburgo: Nauka, 2008), pp. 258-263.

esperava ser preso [...] será possível para entender Dmitrii Alekseevich se você não tem conhecimento de tudo isso?”.¹¹⁸

Mesmo assim, os *afrikanisty* de Leningrado tinham duas vantagens significativas em termos de sobrevivência em comparação com aqueles de Moscou – não estavam associados à Comintern e as suas políticas e o seu interesse era principalmente em questões linguísticas e etnográficas, ao invés de política e economia.

Dmitrii Alekseevich Ol’derogge nasceu em Vilnius, hoje capital da Lituânia, em 1903. Seu pai era um militar aristocrático do antigo Ducado de Holstein, no norte da Alemanha, que fugiu da Rússia dois anos após a Revolução de Outubro de 1917. Ol’derogge foi educado em São Petersburgo no corpo de elite dos Cadetes entre 1912 e 1918.¹¹⁹ Em 1920, ele se juntou ao Exército Vermelho durante a Guerra Civil, embora não tenha participado de combates. Enquanto estava no exército, foi enviado para estudar linguística na então Universidade de Petrogrado. Terminou os seus cursos em 1925 e ingressou no Museu de Antropologia e Etnografia de Petrogrado como investigador no departamento de África. No final de 1927 e início de 1928, ficou seis meses na Alemanha, Holanda e Bélgica, recebendo treinamento em linguística, etnologia e museologia, e trouxe de volta novos conceitos para o sistema soviético. Começou a ensinar a língua suaíli e mais tarde introduziu, com seus colegas, cursos de zulu, amárico e hauçá. Em 1929, foi nomeado chefe do departamento de África do Museu e em 1935 obteve o grau de doutor de primeiro nível (*kandidat*), sem a obrigação de defender uma tese. No ano seguinte, foi nomeado diretor do Museu de Antropologia e Etnografia, da Academia de Ciências.

118 Davidson, “Patriarkh: D. A. Ol’derogge” in A. B. Davidson (ed.), *Stanovlenie otechestvennoi afrikanistika*, p. 55.

119 O *Kadetski Korpus* era um programa escolar de elite de sete anos em São Petersburgo, preparando meninos para a carreira militar. Vários foram restabelecidos após a queda da União Soviética em 1991.

Figura 10: Uma fotografia sem data de Ivan Potekhin e Dmitri Ol'derogge (1904-1987), alemães.



Fonte: acervo do Tsentr Afrikanskikh Issledovaniï, Moscou.

Durante esse período, ele manteve um perfil extremamente discreto, até destruindo documentos familiares sobre suas origens politicamente inapropriadas e não publicando em revistas científicas, por medo de cometer algum erro político potencialmente perigoso.¹²⁰ Quando a guerra começou, Ol'derogge juntou-se à defesa civil de Leningrado durante o bombardeio alemão da cidade, mas aparentemente continuou seu trabalho acadêmico. Durante o cerco imensamente destrutivo de Leningrado pelos exércitos alemão e finlandês – que durou de setembro de 1941 a janeiro de 1944 –, a mãe de Ol'derogge faleceu e foi enterrada numa vala comum.

120 Davidson, “Dmitrii Alekseevich Ol'derogge”, p. 6.

O próprio Ol’derogge, com vários outros acadêmicos, foi evacuado para Tachkent, no Uzbequistão, na Ásia Central.

Ol’derogge voltou a Leningrado em maio de 1944 e defendeu sua dissertação de Doutor em Ciências em 1945, embora a mesma nunca tenha sido publicada por causa de sua “inconsistência ideológica”. Foi nomeado chefe do que se tornou em 1950 o Departamento de Estudos Africanos da Universidade Estatal de Leningrado, cargo que ocupou pelo resto de sua vida e onde lecionou para personalidades influentes, como Natália Okhotina e Apollon Davidson.

Figura 10: O infeliz jovem estudioso africanista Kyrill Luknitskii (1904-1937) que foi apanhado no Grande Terror, acusado de trotskismo e executado aos 33 anos.



Fonte: acervo da Biblioteca Nacional Russa.

No entanto, é claro que um pesquisador soviético não precisava ter um alto perfil público para sofrer “repressão”. Muitas vezes, a má sorte era

suficiente. Por exemplo: em outubro de 1935, a Itália fascista sob Benito Mussolini invadiu a Etiópia em um ato de agressão não provocada e permaneceu na ocupação até 1941. A União Soviética denunciou a invasão e vários livros, geralmente superficiais, foram publicados num renascimento de interesse em assuntos africanos de curta duração – muitos desses livros consistindo em artigos das páginas dos jornais *Pravda* e *Izvestiia*. No entanto, em 1936, Dmitri Ol’derogge organizou uma coletânea substancial de 582 páginas, incluindo ensaios de estudiosos diferentes sobre a geografia, a demografia, a sociologia, a economia, e os idiomas e a literatura do país.¹²¹ O capítulo sobre a economia, e os últimos três capítulos, sobre a história da Abissínia desde os tempos antigos, a “luta das potências imperialistas pela Abissínia desde 1914” e, por último, a guerra Itália-Abissínia, foram escritos pelo infeliz Kyrill Luknitskii, um descendente da nobreza que, por coincidência ou não, foi preso em 27 de agosto de 1936 e acusado de pertencer a um grupo trotskista contrarrevolucionário. Foi julgado em 26 de maio de 1937 e se declarou inocente, mas mesmo assim foi condenado à morte e fuzilado no mesmo dia, aos 33 anos.¹²² Dessa forma, até mesmo jovens africanistas relativamente desconhecidos foram sugados pela máquina da repressão. O exemplo de Luknitskii parece ir contra o comentário de Schlesinger na década de 1950 de que “nos casos típicos as próprias vítimas não são os escritores mais acadêmicos, como os críticos ocidentais da URSS tendem, após sua queda, a retratá-los, mas são os próprios propagandistas políticos”.¹²³

121 D. A. Ol’derogge (ed.), *Abissiniia (Efiopiia): sbornik statei*, Moscou-Leningrado: Izdat. AN SSSR, 1936.

122 Ver E. P. Semenova, “Luknitskii, Kirill Nikolaevich”, *Sotrudniki RNB: deiateli nauki i kul'tury. Biograficheskii slovar, elektronnaia versiia*, [?]. Nenhum dos outros autores dessa coletânea foi morto no Terror: N. M. Karataev morreu em 1942 aos 67 anos; o arabista N. V. Iushmanovich em 1946, aos 50 anos; Tat’iana V. Proskuriakova em 1978 aos 73 anos, e o próprio Ol’derogge em 1987 aos 84 anos.

123 Rudolf Schlesinger, “Recent discussions on the periodization of history”, *Soviet Studies*, v. 4, n. 2 (1952), p. 152, [?]

O quarto período: o impacto da grande guerra patriótica, 1941-1945

Pouco antes da guerra, em 1940, uma nova publicação, *Sovetskoe Vostokovedenie* (Estudos Orientais Soviéticos), começou a aparecer como uma série de volumes editados irregularmente: seis volumes apareceram entre 1940 e 1949.¹²⁴ No primeiro número, em 1940, o tom era dado por um artigo que citava Stalin e expunha o que se tornaria a linha editorial antiocidental dominante: “Os orientalistas ocidentais burgueses, a serviço do capitalismo [...] a dominação do imperialismo mundial, que busca manter os povos do Oriente numa escravidão secular”. O autor, o filólogo clássico Aleksei Barannikov, continua dizendo que: “Representantes dos povos dos países dependentes e coloniais [...] mesmo quando estudam seus próprios países, são muitas vezes forçados a se submeter à influência dos cientistas burgueses da Europa Ocidental e atuar como guias de conceitos criados para justificar a dominação dos imperialistas”. Barannikov continua no mesmo tom triunfalista, argumentando que apenas os pesquisadores soviéticos, equipados como estão com o “único método científico do marxismo-leninismo, estão em posição de lutar com sucesso por uma ciência genuína a serviço do povo. Só eles têm a oportunidade de lutar contra os conceitos anticientíficos dos cientistas burgueses”.¹²⁵

A Grande Guerra Patriótica corresponde a terceira e a mais assoladora das “três grandes ondas de terror e repressão” que se abateram sobre a União Soviética no período entre o final dos anos 1920 e 1945. As mortes de civis e militares são estimadas entre 27 milhões e 40 milhões de pessoas, de uma população de 205 milhões em junho de 1941, quando a guerra começou. Com Potekhin e Zusmánovich fora de ação como professores ou pesquisadores, os assuntos africanos tornaram-se

124 Balezin, “Kritika zarubezhnoi afrikanistiki”, pp. 355-356.

125 A. P. Barannikov, “Ocherednye zapadi sovetskogo vostokovedeniia”, *Sovetskoe Vostokovedenie*, n. 1 (1940), p. 6, 7. Barannikov (1890-1952) foi linguista especializado em línguas indianas (urdu, hindi, bengali etc.).

quase inteiramente periféricos aos interesses estatais da União Soviética. A própria Comintern foi dissolvida em 1943 e entre finais da década de 1930 e meados da década de 1950, a *afrikanístika* estava mais ou menos moribunda. A guerra teve um efeito devastador em todo o ensino superior soviético, pois grupos de acadêmicos mais jovens foram convocados para as forças armadas, e “os elementos mais críticos da infraestrutura do ensino superior foram removidos”¹²⁶ para o leste através dos montes Urais, fora do alcance dos invasores nazistas. Embora isso se desse principalmente para proteger as faculdades que produziam especialistas essenciais para os esforços da guerra, também afetava as ciências sociais e especificamente a *vostokovédénie*. Quase toda a Universidade de Leningrado, por exemplo, foi evacuada em etapas entre 1941 (logo após a invasão alemã) e 1942 – incluindo Dmitrii Ol’derogge, como vimos. O número total de instituições de ensino superior também diminuiu significativamente, pois algumas foram fechadas e outras fundidas entre si.¹²⁷

A eclosão da Segunda Guerra Mundial em território soviético, em 22 de junho de 1941, parece ter mudado enfaticamente o enfoque de *vostokovédénie*, dos temas africanos para pesquisas sobre Mongólia, China e Japão, teatros da guerra com enorme significado estratégico para a União Soviética. Já existiam conexões entre os militares russos e os estudos orientais. De fato, essas continuidades podem ser rastreadas até o final do século XIX, “quando o treinamento de orientalistas militares era uma das principais prioridades”. Um Instituto de Estudos Orientais foi estabelecido no Extremo Oriente Soviético em Vladivostok e treinou especialistas militares, que não apenas lutaram em funções de combate, mas também “prepararam materiais com descrições de futuros teatros de operações militares” e estiveram “engajados em propaganda entre tropas e populações inimigas”.

126 William Moskoff, “Soviet higher education policy during World War II”, *Soviet Studies*, v. 38, n. 3 (1986), p. 406, 

127 Moskoff, “Soviet higher education policy”, p. 409.

Quando a guerra começou, o Instituto de Estudos Orientais de Leningrado tinha uma equipe de cerca de 100 pessoas, das quais 37 foram mortas em combate, embora não esteja claro se algum deles era africano. A maioria dos funcionários de Leningrado foi evacuada para outras partes da União Soviética, incluindo as cidades de Tachkent e Fergana no Uzbequistão, enquanto alguns outros permaneceram em Moscou. Durante os anos de guerra, o foco da pesquisa em andamento mudou acentuadamente para áreas geográficas e temas que atendessem “às necessidades do tempo de guerra, o que determinou em grande medida seu caráter prático”.¹²⁸ Isso significou, inevitavelmente, que pouco trabalho foi feito sobre temas africanos.

Temos algum conhecimento do envolvimento na guerra de vários *afrikanisty* soviéticos. Natália Okhotina, que mais tarde chegou a ser diretora de estudos africanos na Universidade Estatal de Moscou, foi condecorada por seu trabalho como enfermeira em Leningrado durante o cerco, quando ainda era adolescente.¹²⁹ Maria Rait foi desmobilizada do Exército Vermelho em dezembro de 1943, e mais tarde escreveu modestamente que “o último local do meu serviço militar foi a saliência de Kursk”, possivelmente a batalha de tanques mais decisiva de toda a Segunda Guerra Mundial.¹³⁰ Ivan Potekhin passou cinco anos, de 1941 a 1946, ensinando os fundamentos do marxismo-leninismo na Escola Superior de Oficiais do NKVD.¹³¹

A experiência de guerra melhor documentada, no entanto, é a de Aleksandr Zusmánovich, que, após sua desgraça em meados da década de 1930, ingressou no Exército Vermelho e ascendeu à patente de tenente-coronel, servindo na “Frente ‘Kalinin’ no Grupo ‘Mar Negro’ de tropas da Transcaucásia, na estepe, e na 2ª frente ucraniana, inicialmente (na Frente ‘Kalinin’) como instrutor no 7º departamento de administração política

128 Polianskaia, “Sovetskoe vostokovedenie”, pp. 27-29.

129 Nelly Gromova, “Organizator kafedry afrikanistiki v MGU: N. V. Okhotina” in A. Davidson (ed.), *Stanovlenie otechestvennoi afrikanistiki*, p. 247.

130 Rait, “Kak ia stala afrikanistkoi”, p. 208.

131 Davidson, “Osnovatel’ Instituta Afriki”, p. 134.

e, posteriormente, no mesmo cargo de chefe do departamento político, trabalhando com os soldados inimigos [capturados] e com a população [local]”.¹³²

Figuras 11-12: O africanista Aleksandr Zusmánovich (1904-1965), aqui fardado, era oficial no Exército Vermelho durante toda a Segunda Guerra Mundial. Apesar de ter recebido condecorações militares, foi preso em 1949 (segunda imagem), durante um período de antissemitismo estatal, e condenado a 25 anos no Gulag. Sua condenação foi anulada apenas em maio de 1956.



Fonte: <https://www.jewishheroes.live/heroes/zusmanovich>.

132 Liubichankovskii, “Sei zamechatel’nyi Zus”, p. 93.

Esses não parecem ter sido trabalhos de gabinete, longe do perigo. Zuzmánovich “participou em combate perto de Belgorod, Kharkov, [etc.] e [...] estava presente na captura de Budapeste”. Em 1941, Zuzmánovich é descrito pelos seus contemporâneos como “uma pessoa inteligente e alegre; seu departamento realiza trabalho entre as tropas inimigas, estudando o moral dos soldados alemães, produzindo panfletos [de propaganda] e organizando transmissões radiofônicas à linha de frente”.¹³³ Zuzmánovich era, aparentemente, um diplomata habilidoso e ajudou o general soviético no comando em Budapeste no final da guerra a lidar com representantes estrangeiros e dignitários da igreja católica.¹³⁴ Infelizmente, os seus problemas não terminaram com o fim da guerra, pois o “Zus” foi preso em 1949, de alguma forma sobrevivendo sete anos fazendo trabalhos forçados na Sibéria.¹³⁵

Epílogo

Este artigo apresentou apenas uma pequena parte da história da *afrikanístika* acadêmica. Foi certamente o período mais difícil, em termos de desenvolvimento de uma epistemologia e metodologia adequadas, em termos de acesso extremamente limitado às fontes e em termos de histórias de vida por vezes trágicas dos estudiosos envolvidos, apanhados em mudanças sociais sobre as quais não tinham qualquer controle.

Ao final da Grande Guerra Patriótica, a *afrikanístika* levou mais de uma década para se recuperar e reivindicar um espaço intelectual que havia tentado mapear antes do impacto destrutivo dos eventos políticos dos anos 1930 e 1940. O momento da mudança, que surge em um

133 Liubichankovskii, “Sei zamechatel’nyi Zus”, p. 93.

134 I. T. Zamertsev, *Cherez gody i rasstoianiia*, Moscou: Voenizdat, 1965, pp. 32-33.

135 Davidson, “Glava pervogo tsentr afrikanistiki”, p. 96. Segundo Davidson, na primeira instância, Zuzmanovich foi condenado à morte e “ficou no corredor da morte por mais de setenta dias” antes da sentença ser comutada para 25 anos de trabalho forçado, dos quais ele cumpriu sete anos. Veja também o artigo “Aleksandr Zuzmanovich”, *Evreiskoe Geroi*, 3 set. 2020, [🌐](#).

período posterior ao escopo deste artigo, foi a fundação do *Institut Afriki*, no âmbito da Academia de Ciências, em 1959, sob a liderança de Ivan Potekhin, supostamente resultante de uma conversa entre W. E. B. Du Bois, o líder afro-americano, e Nikita Khrushchev no contexto, claro, da chamada Guerra Fria.¹³⁶ Tal desenvolvimento dependeu, é claro, de enormes transformações na política doméstica da União Soviética, que aconteceram após o discurso de Krushev no 20º Congresso do Partido Comunista em 1956, bem como, em um contexto mais amplo, da necessidade de abrir relações com os Estados africanos recém-soberanos que começaram a surgir a partir da independência do Gana em 1957.

A razão pela qual vale a pena estudar a história da *afrikanístika* e os textos soviéticos sobre a África escritos no período pré-guerra não é necessariamente pelo que eles refletem ou iluminam nas nossas próprias visões, mas precisamente porque entender esse mundo é encontrar uma cultura intelectual bem diferente da ocidental ou da brasileira. Esses estudiosos e as suas lutas, tanto intelectuais quanto pela própria sobrevivência, nos ensinam precisamente até que ponto os nossos próprios entendimentos sobre a África são contingentes, e nos permitem vislumbrar perspectivas que nunca tivemos nem fomos capazes de desenvolver.

Apesar da fraqueza empírica de muito do que foi produzido nesses primeiros anos, quando o trabalho de campo era uma impossibilidade, a epistemologia geral da *afrikanístika* soviética, tal como existia, com sua ênfase na análise histórica e política do impacto do domínio colonial na economia política africana e nas classes sociais africanas; sua insistência para que os alunos dominassem línguas africanas, bem como as da Europa Ocidental; e a sua conceptualização da África como sendo parte de um maior “Oriente” oprimido pelo colonialismo, merecem a nossa atenção e o nosso respeito. Hoje em dia, com acesso aos arquivos pelo menos parcialmente abertos e a publicação de algumas das fontes – tais como aquelas utilizadas neste artigo –, a velha visão da “academia soviética” como monolítica e inteiramente conformista está sendo desmantelada e

136 Solodovnikov, *Dom Afriki v Moskve*, pp. 22-23.

substituída por uma narrativa mais complexa e mais humanizada, que deve interessar tanto a estudiosos africanos como os que estudam a África, onde quer que estejam.

Recebido em 15 jul. 2024

Aprovado em 30 set. 2024

doi: 10.9771/aa.v0i70.62536

Dos seus primórdios na década de 1920 até ao final da Segunda Guerra Mundial, os estudos africanos na URSS foram conduzidos por um grupo de intelectuais revolucionários que trabalhavam sob condições materiais difíceis e em um cenário político delicado. Os pesquisadores soviéticos foram impedidos de realizar trabalho de campo nos territórios colonizados e de aceder à documentação primária. A turbulência política interna, a “revolução cultural” no final da década de 1920, o Grande Terror na década de 1930, e a eclosão da guerra contra a Alemanha nazista impactaram diretamente a vida intelectual, e os estudos africanos em especial. Apesar da fraqueza empírica dos seus trabalhos, esses pesquisadores tentaram romper com uma abordagem etnográfica do estudo das sociedades africanas, formato dominante nas universidades ocidentais da época. O artigo apresenta a conformação desse campo de estudos e suas diferentes fases na União Soviética a partir das trajetórias de algumas figuras importantes.

Estudos africanos | União Soviética | História intelectual | Internacional Comunista |
Universidade Comunista dos Trabalhadores do Leste |

AFRIKANISTIKA: THE ORIGINS OF AFRICAN STUDIES IN THE SOVIET UNION, 1929-1945

From the beginnings in the 1920s until the end of the Second World War, African studies in the USSR were carried forward by a group of revolutionary intellectuals working under difficult material conditions and in a delicate political context. Soviet researchers were prevented from conducting fieldwork in colonised territories, and from accessing primary documentation. Internal political turmoil, the “cultural revolution” in the late 1920s, the Great Terror in the 1930s, and the outbreak of war against Nazi Germany had a direct impact on intellectual life generally, and on African studies in particular. Despite the empirical weakness of their work, these researchers attempted to break away from an ethnographic approach to the study of African societies, which dominated in Western universities at the time. This article describes the development of this field of study and its different phases in the Soviet Union, based on the trajectories of several important figures.

African studies | Soviet Union | Intellectual history | Communist International |
Communist University of the Toilers of the East